

Tatuagem e Formação:

O DESPERTAR SENSÍVEL DO PROFESSOR, ARTISTA,
PESQUISADOR.



É POSSÍVEL INSERIR A
TATUAGEM NA
ESCOLA BÁSICA

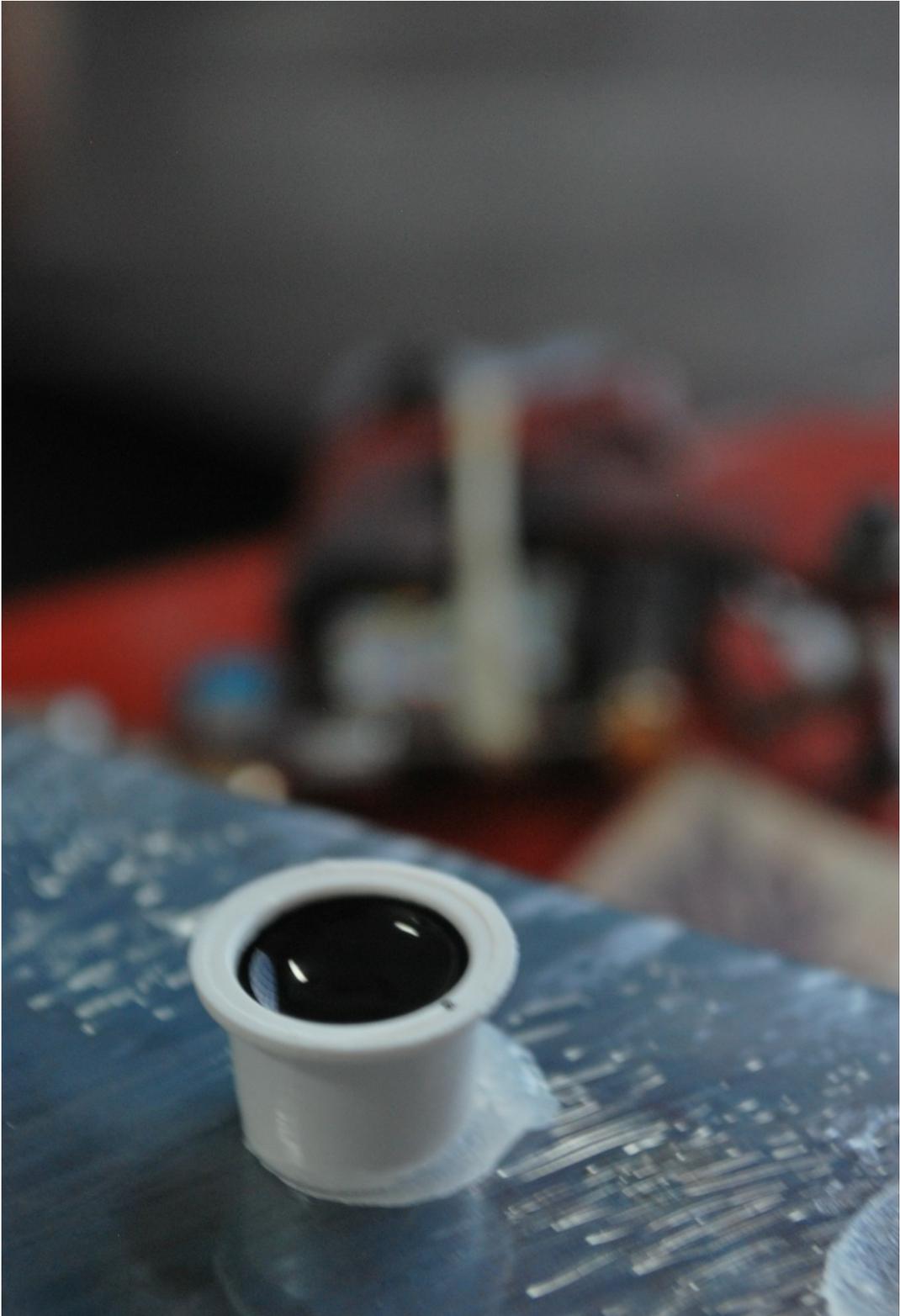
PESQUISA SOBRE
TATTOOS
NA UNIVERSIDADE

FELIPE MACHADO

E SEU TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

COMO A LINGUAGEM ARTÍSTICA DA TATUAGEM PODE TRANSFORMAR UMA FORMAÇÃO ACADÊMICA EM LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS E DE QUE FORMA ELA CONTRIBUI NA FORMAÇÃO DESTE PROFESSOR, DESTE ARTISTA E DESTE PESQUISADOR?

VOL. 1 - NOVEMBRO 2019



CRICIÚMA,
NOVEMBRO
2019

Felipe Machado

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL
CATARINENSE - UNESC
ARTES VISUAIS LICENCIATURA



**TATUAGEM E FORMAÇÃO: O DESPERTAR
SENSÍVEL DO PROFESSOR, DO ARTISTA E
DO PESQUISADOR.**



FELIPE MACHADO

TATUAGEM E FORMAÇÃO: O
DESPERTAR SENSÍVEL DO
PROFESSOR, DO ARTISTA E DO
PESQUISADOR

Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado para obtenção do grau de
Licenciatura no curso de Artes Visuais da
Universidade do Extremo Sul Catarinense,
UNESC.

Orientadora: Profa. Dra. Aurélia Regina
de souza Honorato

CRICIÚMA, NOVEMBRO 2019



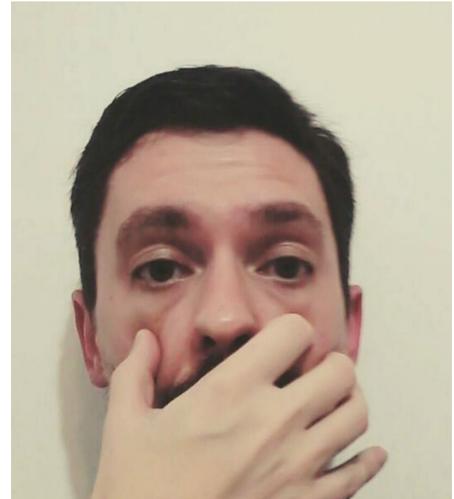
Orientadora

Prof^a. Dr^a. Aurélia Regina de Souza Honorato



Banca

Prof. Me. Alan Figueiredo Cichela



Prof. Dr. Rafael Rodrigo Muller





Lip Wadocha

DEDICO AO MEU IRMÃO FERNANDO
QUE FEZ MINHA PRIMEIRA MÁQUINA
DE TATUAGEM E DISSE QUE EU
SERIA TATUADOR

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Renata Silveira, minha colega que disse que o “meu lugar” de formação era a UNESCO e que ali naquela instituição eu conseguiria alcançar meus sonhos pois ali teria suporte de professores qualificados (ela estava correta). Agradeço a Minha amiga Meri Fortunato que disse que conhecia o então coordenador do Curso de Artes Visuais da UNESCO e coordenador do Pibid e ele me receberia de braços abertos para meu ingresso na Universidade.

Ao professor Marcelo. Você foi o mais amável possível e assim como a Meri disse, me recebeu de braços abertos e me apontou qual caminho seguir para ser um aluno deste curso. À Eliana, que desde o primeiro dia em que abriu os ateliês para mim, nunca mais negou um pedido de socorro durante meu percurso na graduação e no Centro Acadêmico do Curso de Artes Visuais.

Por lembrar do C.A., agradeço a caminhada e parceria ao melhor grupo que eu pude ter nesse momento tão satisfatório. Juliano “Presida” Bueno, Laura Goulart, Vitória Monteiro, junto com vocês fiz parte da gestão do nosso Centro Acadêmico em 2017, e sem sombra de dúvidas foi um ano maravilhoso e as trocas que pude vivenciar com vocês foram umas das mais importantes da minha graduação. Aprendi muito com cada um dos três e fizemos uma gestão onde o desafio era nosso combustível. Foi no C.A. também que conheci meu amigo Tiago Fernandes Laurindo, que foi meu porto seguro nos primeiros meses dentro da universidade. Tiago, agradeço por cada café, por cada palavra de consolo, de incentivo, por cada abraço, por me ouvir reclamar, por me chamar de artista pela primeira vez e principalmente me apresentar artista na UNESCO.

AGRADECIMENTOS

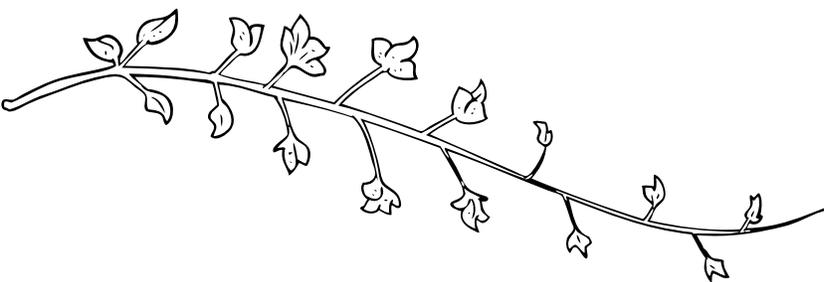
Agradeço ao professor Marcos, que foi meu supervisor no PIBID. Você é minha maior inspiração como docente em sala de aula. Antes das suas aulas, eu, vindo do extinto segundo grau, nunca havia presenciado uma aula de Artes onde a arte contemporânea estivesse em evidência. Lembro do primeiro café no terminal de ônibus da Próspera, onde conversamos sobre planos, metas, dificuldades e dessa forma fomos construindo uma linda amizade. O circo chegou e com ele um grupo unido e disposto a encarar desafios para uma apresentação fenomenal. A terceira fase da minha graduação foi um momento de conhecer cada um dos meus colegas de classe e aprendi a amar cada um deles, do jeitinho que são. Agradeço por terem crescido ao meu lado e me acompanhado em cada uma das etapas desse processo que me fez um professor artista pesquisador. Stéfany Ribeiro, foste a primeira pessoa que vi dentro da sala de aula e será a última que verei após a janta de formatura, e digo que se eu pudesse faria tudo exatamente igual, és a melhor amiga que eu poderia ter. Agradeço a cada um dos professores do Curso de Artes Visuais da UNESC, que com suas peculiaridades me proporcionaram um conhecimento que eu jamais acreditaria poder alcançar. Me considero professor, artista, pesquisador graças às suas aulas. Professor Rafael, sou grato com seu aceite em participar desta banca e fazer parte do minha pesquisa. Não poderia deixar de ressaltar o carinho que tenho (depois de muita raiva) pelo meu amado professor Alan. Você foi fundamental para meu crescimento profissional. Realmente não era aquarela. Aurélia, desde o segundo mês da minha graduação eu já sabia que você seria a minha orientadora do TCC e eu trilhei um

AGRADECIMENTOS

caminho que fizesse com que você aceitasse minha pesquisa e percebesse que era isso que eu queria. Agradeço a minha sogra Denise, que sempre mudou seus compromissos para ficar com os meus filhos enquanto eu e a Renata tínhamos aula no mesmo período. Tio Ilha e Jéssica, vocês são maravilhosos, obrigado pela amizade e parceria de sempre. Agradeço e peço desculpas aos meus filhos que muito tiveram que ver seu pai ausente tendo que ir para a aula a noite enquanto antes da graduação era esse nosso momento de brincar juntos contar histórias, de ficar em família se curtindo. Meus amores, o papai jura que fez isso por vocês e que sempre virava as costas com uma lágrima no olhar e um nó na garganta em abrir mão do nosso momento juntos. Desculpa por muitas vezes vocês precisarem voltar pra casa quase meia noite, na chuva e no frio... Renata, agradeço a você por me incentivar a finalizar uma disciplina do ensino médio e me matricular em um vestibular escondida, se não fosse assim eu nunca teria acreditado em meu ingresso em uma universidade. Agradeço por voltar pra casa com as crianças sozinha, percorrendo dois quilômetros, muitas vezes a pé, com o Gael no Sling, gastando todo seu repertório de músicas infantis para entreter ele e a Pietra. Agradeço por acreditar em mim, por abrir mão junto comigo de um atendimento noturno, diminuindo nossa renda para que nesse horário eu estivesse estudando. Você foi primordial para minha formação.



Lip Wadocha



“Olho e comovo-me
Comovo-me como a água corre quando o
chão é inclinado
E a minha poesia é natural como o
levantar-se vento...”
Alberto Caeiro

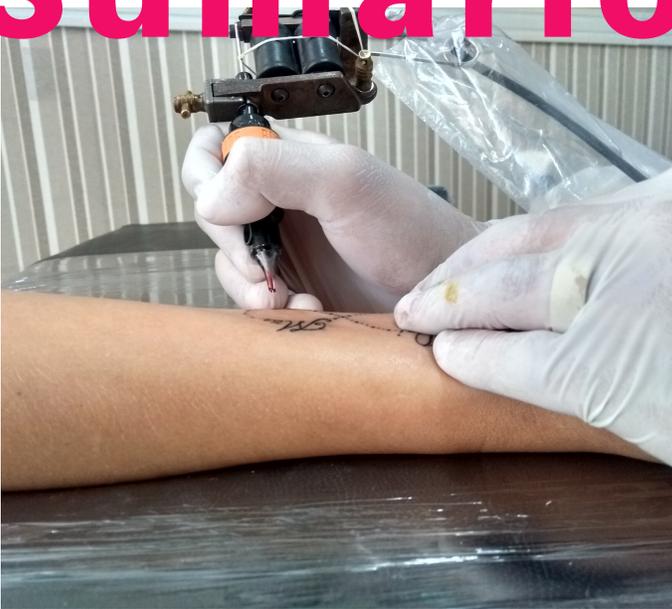
RESUMO

Esta pesquisa está situada na linha Educação e Arte do Curso de Artes Visuais - Licenciatura da Unesc e apresenta como problemática: Como a linguagem artística da tatuagem pode transformar uma formação acadêmica em licenciatura em Artes Visuais e de que forma ela contribui na formação deste professor, deste artista e deste pesquisador? Trata-se de uma pesquisa qualitativa que faz uso da cartografia como método, e o procedimento técnico se deu através de entrevista semiestruturada. O trabalho procura entender como se dá o processo de formação de tatuadores e tatuadoras que têm suas formações nos cursos de Artes Visuais Licenciatura e Bacharelado da Unesc. Discute a possibilidade de levar a tatuagem para o ambiente escolar, de maneira que apresente a prática como produção artística com a finalidade de desmarginalizar o olhar do público que não faz uso da mesma. Ainda levanta questionamentos sobre as produções artísticas que fazem uso de elementos e resíduos de um procedimento de tatuagem, e além disso, aborda a necessidade de pesquisas científicas que apresentem a tatuagem como elemento principal. As entrevistas se deram em momentos distintos, contando com a participação de cinco tatuadores e tatuadoras que estão cursando Artes Visuais na Unesc e um egresso do Curso, visando entender qual relação eles fazem entre a tatuagem e a escola básica, como eles entendem a pesquisa científica e qual suas experiências em relação a produções artísticas. Para fundamentar a pesquisa trago alguns autores, dentre eles Saviani (2002), Cauquelin (2005), Moreira (2008), Honorato (2015), Barros e Kastrup (2015), Jeha (2019), Ferreira (2007), Martins (2012), Salles (2014), dentre outros. A pesquisa mostrou a potência que pode ser trabalhar a tatuagem em ambientes de formação de conhecimento, entretanto, é proporcional a fragilidade que a prática apresenta em discussões contemporâneas.



PALAVRAS CHAVE: TATUAGEM. PROFESSOR. PESQUISADOR. SENSÍVEL

Sumário



11

PREPARANDO CAMPO ESTÉRIL

15 - PLÁSTICO FILM

17

DECALQUE

23

CONTORNO E PINTURA

26 - TRAÇO FINO
29 - SOMBREADO
31- AQUARELA

33

DOR

50

CICATRIZAÇÃO

46 - PROJETO DE CURSO

54

REFERÊNCIAS





Agir, eis a inteligência verdadeira. Serei o que quiser. Mas tenho que querer o que for. O êxito está em ter êxito, e não em ter condições de êxito. Condições de palácio tem qualquer terra larga, mas onde estará o palácio se não o fizerem alí?

Fernando Pessoa(2001)

Preparando o campo estéril

Olá caro leitor, cara leitora, sejam bem-vindos e bem-vindas ao meu mundo, meu espaço, minha maneira de pensar. Sejam bem-vindos e bem-vindas ao meu palácio. Convido você para que nesse momento tenha um olhar diferente, direcionando ele para um ambiente onde se produz tatuagem, mais precisamente para a sala de procedimentos de um estúdio. Assim como muitos artistas, tenho meu próprio ritual de produção e obedeço alguns processos já pré-estipulados, e, aqui, convido você a conhecer esses processos e, por meio dessa leitura, fazer o mesmo caminho que eu sigo enquanto me envolvo com a pessoa que irei tatuar. Farei algumas pontuações durante a escrita a fim de contextualizar questões pertinentes ao meu ponto de vista e como me sinto mais confortável na escolha de algumas expressões, como a exemplo a escolha do poeta que me acompanha nesta pesquisa. Escolho Fernando Pessoa com a intenção de parafrasear seus poemas e também trazê-lo para minhas epígrafes, pensando principalmente na beleza de suas palavras e na sua ideia de heterônimos quando menciono as diferentes versões de mim, Felipe.



Lip Wadocha

Fernando Pessoa (1888-1935) foi um dos mais importantes poetas da língua portuguesa e figura central do Modernismo português. Poeta lírico e nacionalista cultivou uma poesia voltada aos temas tradicionais de Portugal e ao seu lirismo saudosista, que expressa reflexões sobre seu “eu profundo”, suas inquietações, sua solidão e seu tédio. Fonte: <https://www.ebiografia.com/fernando_pessoa/> acesso em: 10 de outubro de 2019.

Quando o poeta português escreve a partir de heterônimos e não de pseudônimos, ele entra em um mundo novo onde cada um desses personagens possui uma vida singular com características de escritas distintas, além de cada um apresentar suas próprias inquietações. A ideia trazida por seus heterônimos movem minha escrita, pois à medida que escrevo percebo que ocorre uma ramificação em minhas personalidades. Deixo de ser apenas o Felipe e me apresento em versões de mim mesmo. O professor, o artista e o pesquisador aparecem trazendo suas perspectivas e reflexões sobre a linguagem da tatuagem e suas relações com a formação de professores de Artes e de artistas. Durante o percurso da escrita desta pesquisa, quando eu preciso falar de quem irei tatuar, em alguns momentos vou usar a palavra suporte sendo que a pele dessa pessoa está para a tatuagem assim como a tela está para a pintura, ou o mármore e a madeira estão para a escultura. Utilizo essa palavra tendo como referência a pesquisa de Pires (2005, p. 22), quando menciona: *Hoje, as obras não estão mais circunscritas a espaços restritos, e as diversas técnicas contemporâneas de reprodução de imagem permitem - para além da circulação física da obra - não só o deslocamento desta para uma grande variedade de tipos de suporte, como também a alteração de suas dimensões e sua fragmentação. A relação que estamos habituados a manter com as imagens, [...] na qual transitamos entre elas, que permanecem fixas, está se modificando com a introdução, na arte, deste novo suporte: o corpo. Objetivo com isso, que, vocês leitores, estejam inteirados de que cliente, pele, suporte, pessoa, entre outras, serão expressões utilizadas para apresentar quem está recebendo a tatuagem. A chegada do cliente até mim se dá de diversas formas, podendo ser a sua ida até meu estúdio, uma ligação, uma conversa através de alguma rede social ou whatsapp. E assim seguimos pensando e montando o desenho que irá se findar em uma tatuagem. Antes de começar o procedimento em si, já com o desenho pronto, eu preparo uma xícara de café para que ele, o café, seja meu companheiro durante a organização do ambiente, e quase sempre retorno a um cafezinho no meio da sessão para dar aquela respirada necessária, uma esticada nas costas, um olhar mais distante da tatuagem que estou fazendo e interagir um pouco mais com o cliente. Eu proponho que você faça o mesmo e prepare uma xícara de café para iniciarmos nossa sessão, que não é de tatuagem mas está estruturada de maneira que lhe permita uma compreensão das colocações que aqui serão apresentadas, estando elas divididas em cinco partes que considero importantes para que esta escrita seja concomitantemente inteligível e prazerosa.*

O formato apresentado para esta pesquisa também será inusitado. Trago a pesquisa apresentada em forma de revista, como maneira de rememorar o meio mais comum de um estúdio de tatuagem apresentar referências de trabalhos para um nova proposta de tatuagem. Preparou seu café? Ótimo, também estou com o meu aqui ao lado, e agora, já podemos começar. As escolhas de expressões comuns da prática da tatuagem, como títulos para meus capítulos, são pensadas como maneiras de fazer ligação dos processos dessa linguagem artística com as estruturas tradicionais de uma pesquisa científica. Cada um destes títulos é correspondente a uma etapa do procedimento de uma tatuagem e, que, na maioria das vezes, se apresenta na mesma sequência que aqui são colocadas, muito embora, a estrutura dessa pesquisa seja construída de maneira que você, caro leitor ou leitora, sintam-se à vontade para percorrer por ela da maneira que sentir-se mais confortável. Me apresento aqui como tatuador artista. Foi assim que busquei um curso de graduação. A tatuagem faz parte da minha vida profissional e segue comigo como um eixo embrionário de qualquer projeto em que eu esteja inserido. Muitas vezes, neste meu percurso de formação, a tatuagem se fazia presente antes da minha chegada e em tantas outras eu é que a colocava em evidência. Busquei a universidade na perspectiva de encontrar novos horizontes e respostas para meus anseios. Entro aqui em consonância com Moreira (2008, p.17), quando afirma: [...] *diante da incerteza dos tempos e das profissões, cabe à universidade formar espíritos inquietos, formar pessoas para enfrentar as mudanças e incertezas. Pessoas assim formadas teriam maiores condições de se locomover, de criar, de se especializar no que fosse necessário para seu desempenho profissional, mas somente porque já teriam uma sólida formação que lhes teria possibilitado reflexões acerca de seu posicionamento no mundo.* (p. 17) Esse é o Felipe que procuro ser, ou melhor, quero ser Felipe em várias versões, assim como Fernando Pessoa se apresenta com seus heterônimos.

Quero ser professor, quero ser artista, quero ser pesquisador e com a consciência que tenho do meu papel na sociedade, tornar-me cada vez mais um sujeito crítico, inquieto e foi isso que começou a acontecer quando me tornei acadêmico do curso de Artes Visuais da UNESC (Universidade do Extremo Sul Catarinense). Meu propósito inicial era, acima de tudo, me tornar um professor qualificado e adaptado às necessidades dos meus alunos. Todavia, a cada espaço diferente em que eu ingressava, seja como aluno, extensionista, pesquisador, artista, colaborador, voluntário ou apenas curioso, de alguma forma a tatuagem caminhava adjacente a mim e o Curso de Artes Visuais foi fundamental para meu crescimento sendo que ele desperta em mim o olhar para o sensível. Desde a primeira fase do curso eu tive possibilidade de apresentar essa linguagem artística em eventos científicos e outras atividades dentro do campus, salientando que é um tema que desperta curiosidade e que as pessoas dão abertura para um assunto que pode ter sido rejeitado por muitos. Foram muitas as oportunidades em que pude pesquisar e apresentar a tatuagem como meu objeto de estudo, identificando-a como um complemento na minha formação. Consegui falar sobre a tatuagem para diversos públicos nos últimos três anos, desde crianças, adolescentes, adultos e idosos, isso em escolas, espaços não formais de educação e universidades, na minha cidade, em outras cidades e até em outros estados. Tenho consciência de que me apresento para os mais distintos ouvintes e ter esta experiência fez com que eu venha me construindo um professor com uma fala potente, percebendo e compreendendo as subjetividades de cada sujeito que se apresenta em um espaço de formação. Não tenho dúvidas sobre o quanto a pesquisa me fez crescer durante esse processo acadêmico em minha formação como docente, e acredito que a tatuagem me abriu caminhos para produções e investigações durante esse período. Neste percurso, e aqui como pesquisador nesta pesquisa de conclusão de curso trago minha indagação que se

configura em meu problema investigativo: **Como a linguagem artística da tatuagem pode transformar uma formação acadêmica em licenciatura em Artes Visuais e de que forma ela contribui na formação deste professor, deste artista e deste pesquisador?** Trago este questionamento, tendo em vista que a tatuagem influencia diretamente em minha maneira de me construir como profissional, pois está sempre relacionada às minhas tarefas cotidianas. Percebo que a cada circunstância possível essa arte me dá suporte e ênfase para que eu consiga agregar conhecimento na minha construção docente. E é a partir daí que busco dar visibilidade à linguagem da tatuagem em minha pesquisa, assim como construir um espaço de reflexão sobre o papel dela na minha formação e também na de outras pessoas que pela universidade passaram e que ainda ali estão. Algumas outras questões me deixaram com mais ânsia para que eu evidenciasse essa linguagem artística, e se apresentam aqui como norteadoras neste percurso que me aventuro a criar e seguir: como romper uma possível barreira preconceituosa em torno da tatuagem? Seria interessante, ou necessário falar mais sobre ela? Como eu poderia apresentar a tatuagem em produções artísticas? De que forma eu posso inseri-la no campus e torná-la corriqueira ao olhar acadêmico e ao de pessoas com um capital cultural elevado? Quando menciono capital cultural estou me referindo ao que Pierre Bourdieu (1983) cita como termômetro para as experiências vividas por distintas classes sociais, sendo que essas vivências as colocava em posições opostas dentro da sociedade. Bourdieu (1983, p. 304) menciona que: *A existência de uma relação tão forte e tão exclusiva entre o nível de instrução e a prática cultural não deve dissimular o fato de que, dados os pressupostos implícitos que a orientam, a ação do sistema escolar somente alcança sua máxima eficácia na medida em que se exerce sobre indivíduos previamente dotados pela educação familiar de uma certa familiaridade com o mundo da arte.*

Oficina de tatuagem na semana acadêmica de Artes Visuais da UNESC.



Para Bourdieu (1983), tais conhecimentos derivam de ambientes outros que não a escola, mas do contato com elementos culturais, proporcionando um acúmulo de informações que geram um aprendizado escolar distinto. Penso que a universidade é ambiente favorável para construção e desenvolvimento de capital cultural, principalmente por entrarmos em dialéticas frequentes e recorrentes desse espaço, sendo que as mesmas não acontecem com a mesma intensidade em um grupo de amigos ou familiares que dispõe dos mesmos ideais.



Lip Wadocha

Ação educativa com as crianças do segundo ano do Colégio UNESC

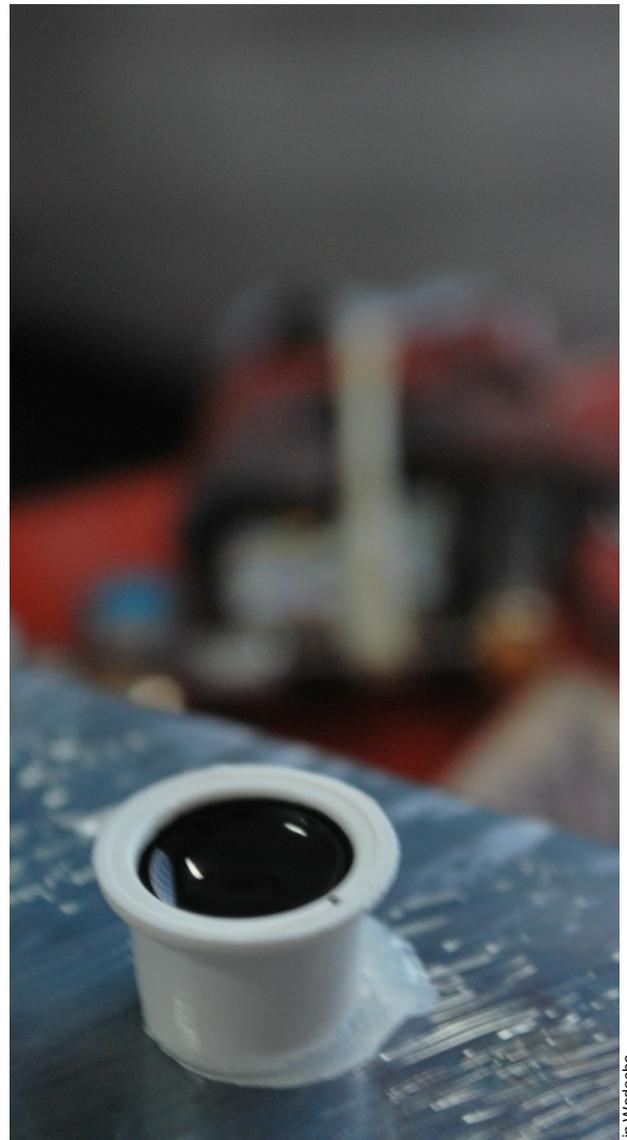
Segundo Mendes e Costa (2015, p.73): *O acesso ao Ensino Superior tem sido fator importante de diferenciação de status ou de classe, pois influencia as possibilidades ocupacionais, que, por sua vez, determinarão o estrato socioeconômico de destino. No entanto, uma vez que as condições escolares e os fatores como competência e esforço individual não são os únicos – ou os principais – determinantes das realizações educacionais, esta hipótese meritocrática de alocação de pessoas em posições revela-se problemática.* Penso que as pessoas quando possuem contato com o Ensino Superior se tornam mais críticas e, por conseguinte, passam a ser formadoras de opinião, com suas falas mais respeitadas por outrem. São diferentes questionamentos e reflexões que rondam meu pensamento e me impulsionam a trazer para o debate a tatuagem. É comum ouvir dos meus clientes e amigos, o quanto sofrem preconceito e rejeição por parte das pessoas que convivem com eles. Neste ponto acredito que esta pesquisa tenha relevância, ela pode modificar um olhar corriqueiro sobre essa prática artística que muitas vezes é marginalizada e por isso levá-la a um público com conhecimento aprofundado em temas semelhantes é importante para a aceitação das demais pessoas, pois entendo que as universidades formam pessoas mais críticas e a fala delas na sociedade tem um valor diferenciado. A pesquisa também poderá motivar novas pesquisas no campo, afinal não temos muitas pessoas pesquisando e falando sobre tatuagem na UNESC - Universidade do Extremo Sul catarinense (instituição que estudo), sendo que por ela já passaram outros tatuadores e tatuadoras e ali estão outros que vêm trabalhando com isso. Neste movimento de pensar uma pesquisa preciso definir qual caminho metodológico vou seguir, de forma a fazer o máximo para alcançar meus objetivos.



Lip Wadocha

Plástico film

Uso plástico film como subtítulo, pelo mesmo motivo que eu uso o plástico na tatuagem, que é por criar uma barreira entre a pele do cliente e meus utensílios e móveis dentro da sala de procedimentos. Por sua vez na pesquisa o plástico simboliza a divisão de um momento descritivo e a inserção no processo da pesquisa que nesse caso se insere na linha de pesquisa Educação e Arte do Curso de Artes Visuais Licenciatura. Neste instante apresento a metodologia desta pesquisa. Partindo da percepção de que: [...] *o método é o conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo [...], traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando as decisões do cientista* (MARCONI; LAKATOS, 2003). Entendendo que metodologia, segundo Andrade (2001) *“é o conjunto de métodos ou caminhos que são percorridos na busca do conhecimento”* (ANDRADE, 2001, p. 129). Compreendo que meu caminhar se adequa ao método cartográfico, sendo que meu processo não faz parte de um ciclo que tenha começo, meio e fim.



Lip Wadocha

O procedimento metodológico que utilizei foi uma roda de conversa com uma entrevista semi estruturada que permitiu que eu me colocasse como um cartógrafo/etnógrafo, sendo que faço parte do meio em que os participantes da roda se encontram ou já passaram. São acadêmicos que cursaram ou estão cursando Artes Visuais na UNESC, e que tiveram contato com a tatuagem durante seus percursos dentro da universidade, podendo ser antes de ingressar no curso, durante o curso, ou mesmo após passarem pelo curso. Minhas inquietações estão em saber como eles olham para a tatuagem quando fazem ligação com a graduação sendo que o sensível é despertado no espaço da formação em arte. Se eles pensam em produções que ligam a tatuagem indo além da pele como suporte, e até se eles pensam em levar ou já levaram essa linguagem para o ambiente escolar. Quando percebo o olhar para o sensível em minhas propostas e como ele foi ampliado durante a graduação, entendo o que Honorato (2015, p. 104) afirma ao mencionar a proposta de escola: *Espaço de intercâmbio, recepção e construção de saberes gerados pela multiplicidade de culturas e pela interrogação crítica do mundo. E é nesse espaço que os professores e professoras de Artes vão atuar. E é fundamental que tenham uma formação inicial que considere o sensível como integrante das diferentes dimensões de aprendizagem e experiência dos sujeitos. Pensar o sensível é ter possibilidade de repensar criticamente as práticas pedagógicas, contribuir na criação de outras formas de ação que venham redimensionar as relações entre educação, arte, estética, política e cultura.* Enfim, minha curiosidade para com esses tatuadores e tatuadoras, está relacionada diretamente ao meu processo de formação acadêmica e por isso busco perceber se eles fazem uso da tatuagem de maneiras distintas ao ato de tatuar propriamente dito, e de que forma isso pode agregar ao período de graduação de um acadêmico. Para construir um espaço agradável de troca fiz o convite para sete tatuadores que já passaram ou

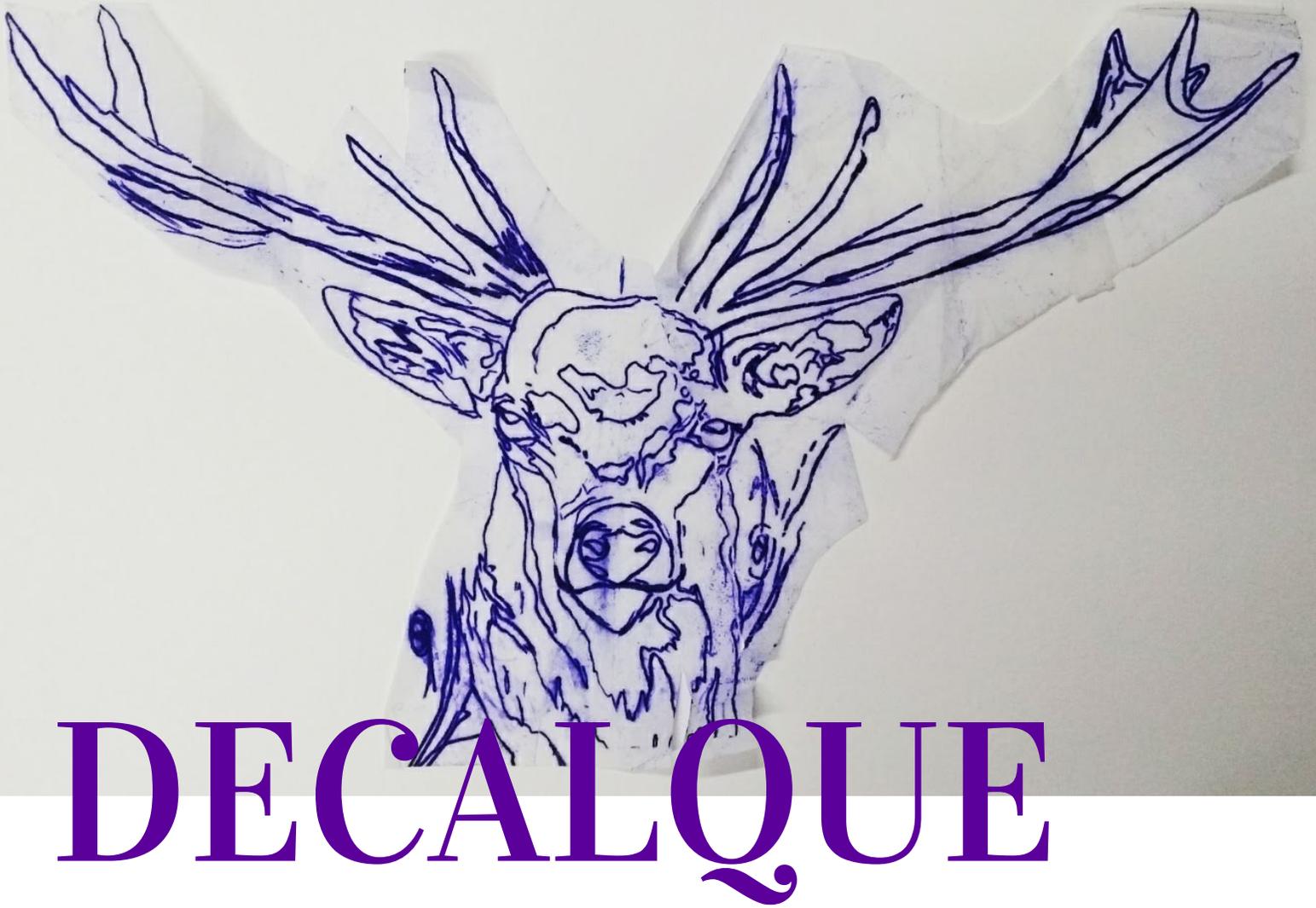
que ainda estão cursando Artes Visuais na UNESC para uma roda de conversa na Sala Edi Balod. A conversa girou em torno da ideia de apresentarem seus pontos de vista relacionando a tatuagem e a academia, com base em dois aspectos principais: se a prática da tatuagem influenciou ou continua influenciando suas produções e aprendizados dentro do curso e como o curso de Artes Visuais os move como artistas e professores em formação. A pesquisa está estruturada em capítulos, onde cada um deles recebe um título que se refere a um dos procedimentos realizados em uma sessão de tatuagem, pois assim como iniciar e finalizar uma tatuagem exige organização, seriedade e fundamentos, essa escrita de pesquisa também assim se constitui. No capítulo intitulado *Preparando Campo Estéril* apresento o que será abordado durante a pesquisa, uma maneira de preparar o leitor para que as demais etapas possam ser concluídas. No *Decalque* conseguimos ter uma noção de que caminho percorrer, como serão aplicadas as cores, quais agulhas devo usar, entre outros. No texto apresento um panorama dos caminhos percorridos na formação docente e que abrem espaço para a cartografia que me ajuda a dar sequência à pesquisa. No capítulo intitulado *Contorno e Pintura* onde a produção tem seu desenrolar, abordo meu caminhar e minhas experiências pela graduação. Já no capítulo *Dor* apresento a experiência da roda de conversa e analiso-a de acordo com os resultados apresentados. Dessa forma é possível perceber o quanto nosso caminhar é resultado de momentos de adversidades e desafios que enfrentamos no percurso de ser professor, artista e pesquisador. No capítulo *Cicatrização* apresento o final de um processo necessário para que novas experiências aconteçam. Estamos na etapa de preparação do campo estéril, esse é o momento em que passo plástico na maca ou cadeira que vai receber a pessoa a ser tatuada, no borrifador, isolo a máquina de tatuagem o fio que liga ela e preservo a saúde do meu suporte.

.....

SALA EDI BALOD -
ESPAÇO DE EXPOSIÇÕES
E LABORATÓRIO DE
ARTES VISUAIS,
VINCULA-SE AOS
CURSOS DE
GRADUAÇÃO EM ARTES
VISUAIS BACHARELADO
E LICENCIATURA DA
UNIVERSIDADE DO
EXTREMO SUL
CATARINENSE - UNESC
- CRICIÚMA/SC

.....

A escolha do título: *Preparando Campo Estéril*, não é por acaso e ele é um dos processos mais importantes de uma tatuagem e penso que não por casualidade ele tenha sido colocado como abertura da pesquisa. Poderiam ter sido utilizadas as palavras agendamento, escolha de referências, preparação do desenho, e outros... mas resolvemos dar um passo a mais e partir exatamente do momento em que a pessoa já está na sala de procedimentos, pronta para realmente ser tatuada, marcada, transpassada por uma agulha que vai agregar mais uma experiência em sua vida bem como é para um leitor que também é marcado e carrega novos conhecimentos após uma leitura. Estar com o campo estéril montado significa em ambos os casos que estamos prontos para começar, e que nada pode te prejudicar, mas toda a experiência que surgir, virá para agregar ao que já existe..Quando tudo está resolvido no campo estéril, podemos ingressar para a próxima etapa que é aplicar o decalque no suporte que iremos trabalhar, então, a pele deve ser preparada de modo que possa receber o decalque para nos sustentar em uma produção mais assegurada. Nosso objetivo agora é partir para o procedimento intermediário ao processo de execução da tatuagem, e assim o é nessa pesquisa, sendo necessário para que possamos entender como se dá o referido trabalho e também quais os elementos que o compõe, como referencial teórico, metodologia aplicada, método investigativo, entre outros.



DECALQUE

Sou, corpo e alma, o exterior de um interior qualquer?
Ou a minha alma é consciência que a força universal
Tem do meu corpo ser diferente dos outros corpos?
No meio de tudo onde estou eu?
Morto o meu corpo,
Desfeito o meu cérebro,
Em consciência abstrata, impessoal, sem forma,
Já não sente o eu que eu tenho,
Já não pensa com o meu cérebro os pensamentos que sinto
meus,
Já não move pela minha vontade as minhas mãos que eu movo.
Cessarei assim? Não sei.
Se tiver de cessar assim, ter pena de assim cessar
Não me tornará imortal.
Alberto Caeiro (2005)

Não cessará assim, deveras é o Decalque parte do processo e porventura se encontra no meio deste. Seguramente podemos dizer que morre decalque efêmero para nascer tatuagem indelével. Nesse momento faço a transferência do desenho que está no papel para a pele e consigo fazer um trabalho mais seguro, pois terei traços básicos e também algumas marcações de sombra e pintura me dando referência de onde devo passar com a agulha. Para chegar até aqui há muito diálogo entre tatuador e tatuado a fim de que o desenho fique de acordo com o que os dois esperam, sendo que esse é um trabalho colaborativo e ambos devem sentir-se confortáveis com a produção e satisfeitos com o resultado. O mesmo ocorre em minha pesquisa, que se apresenta no percurso de muitas experiências vividas e outras tantas analisadas, procrastinadas, deixadas de lado, mas que no final de uma graduação formam um professor, um artista, um pesquisador que precisou de todas essas etapas para ser quem é nesse momento. O decalque que serve de orientação para a produção de uma tatuagem corresponde à minha fundamentação teórica que me dá suporte para uma escrita segura e potente. Aqui orientadora e orientando dialogam para que esses traços e pinturas sejam relevantes e possam se fazer compreensíveis e agradáveis para o leitor ou leitora. Não sigo um único trajeto durante meu percurso na universidade. Muitas vezes o próprio caminho que procurei seguir foi recalculado e minha caminhada tomava novos rumos. É a partir desta construção que vejo a cartografia como um método de pesquisa adequado para que eu consiga dar conta de expressar o conteúdo que penso ser necessário para que minha pesquisa seja relevante. Não consigo pensar na minha vida, seja qual for a área, sem ser uma espécie de cartografia que está em constante construção com diversas idas e vindas. Contatos rizomáticos com as pessoas com que me envolvo, com as tarefas que executo, com as histórias que ouço, com as emoções que me tomam.

Quando relembro de experiências em sala de aula na Educação Básica, me dou conta de como isso é mais intenso, pois as crianças trazem suas vivências em cada momento de fala, em suas produções, em suas trocas quando me apresento professor. É impossível dissociar minhas versões de Felipe, pois, mesmo no papel de professor que vive experiências e digere tendo no seu íntimo a figura paterna presente, e um personagem performático se constrói para esse momento específico, interligando suas narrativas a modo de acolher seus alunos com um zelo necessário para qualquer docente. O pesquisador cartógrafo Felipe é inteiro, mesmo assim a construção de outras versões de mim mesmo me forjam, daí a necessidade de ser *“todo em cada coisa”* (PESSOA, 2001, p. 47), me colocar de corpo e alma, me entregando para a profissão escolhida. Dessa forma as diversas experiências são necessárias para que o professor Felipe se construa de maneira positiva e faça uso de seu trajeto cartográfico para agregar ao seu modo de trabalhar sendo que[...] *cartógrafo, imerso no plano das intensidades, lançado ao aprendizado dos afetos, se abre ao movimento de um território. No contato, varia, discerne variáveis de um processo de produção”* (BARROS e KASTRUP, 2015 p. 74). E assim novos caminhos se apresentam e as multiplicidades são comuns durante a jornada. Colo o decalque no suporte para analisar se toda a pesquisa de desenhos, técnicas, materiais, estilo da tatuagem e outros, foi bem feita e se a imagem escolhida ficou a contento. É nesta etapa também que observo se a agulha pode ser aplicada sob a pele e assim dar início a sessão de tatuagem. Não é certo que realmente conseguiremos tatuar, sendo que algumas alterações possam ser bem-vindas nesse momento. Entretanto, colocar o decalque sobre a pele é fundamental para que o tatuador consiga fazer uma observação de como se pode iniciar o procedimento. Reporto esta experiência para a minha produção enquanto docente em formação,

quando faço um plano de aula por exemplo, e me obrigo assim a tomar distância da construção dele e analiso o tema, o conteúdo a metodologia e outros aspectos, que serão desenvolvidos e faço um distanciamento com o propósito de identificar questões acertadas e outras que carecem de ajustes. Meus planos de aula nem sempre ficam prontos de primeira e nem espero que isso aconteça um dia, pois sei que se inclinar a cabeça um pouquinho vou conseguir observar melhor a criança ou adolescente que ficou mais acanhado, acanhada, durante um processo. Se eu cerrar meus olhos consigo reparar que alguém não se envolveu tanto na aula anterior e com o devido afastamento percebo se está tudo ocorrendo bem ou se devo pensar em alguns ajustes. Em ambos os casos o decalque é o momento de perceber se estou no caminho certo e se não estiver qual será o ajuste necessário para que o próximo passo possa ser dado? Pensar na cartografia faz com que eu me sinta seguro para seguir para a próxima etapa, visto que ela é que faz com que eu me afaste e perceba se o rumo que estou tomando é o mais adequado, e através da cartografia consigo acima de tudo, me entender, sendo que ela me faz compreender como essas vivências, dentro do ambiente escolar, me permitem ser um docente em formação mais preparado para questões que estão por vir na caminhada de um professor.



Oficina de Tatuagem na semana acadêmica de Artes Visuais, 2019.

Lip Wadocchia



Quando percebo que “o método da cartografia não opõe teoria e prática, pesquisa e intervenção, produção de conhecimento e produção de realidade” (ALVAREZ e PASSOS, 2015, p. 131), consigo fazer ligação com meu despertar docente e que as experiências de outrora me formam um professor durante esses processos de produção, sendo que “o conhecimento ou, mais especificamente, o trabalho da pesquisa se faz pelo engajamento daquele que conhece no mundo a ser conhecido” (ALVAREZ e PASSOS, 2015, p. 131), assim sendo a proporção do meu envolvimento com a escola, com os alunos, com a docência, será diretamente proporcional ao meu conhecimento adquirido e construído durante esse percurso. Conforme Alvarez e Passos (2015, p. 135): *A pesquisa cartográfica é menos a descrição de estados de coisas do que o acompanhamento de processos. A instalação da pesquisa cartográfica sempre pressupõe a habitação de um território, o que exige um processo de aprendizado do próprio cartógrafo.*

Processos esses que estão em constante movimento e desenvolvimento, sendo possível dar início a outros processos, que trarão outros movimentos, e assim novos conhecimentos para novos pesquisadores, novos artistas, novos professores, ou quem sabe, para os mesmos de sempre que agora se debruçam sobre temas e inquietações contemporâneas. Trago a cartografia para contornar e dar textura a este trabalho, de modo que eu consiga apresentar minha maneira de produzir e me construir enquanto professor, Passos e Barros afirmam que: *“toda pesquisa é uma intervenção”*. (2014, p.17), assim sendo posso me autoanalisar e perceber que participar ativamente como professor em uma sala de aula durante meu processo formativo, não foi apenas maneira de ganhar nota de uma disciplina ou agregar horas em projetos de extensão, mas genuinamente, uma forma de decalcar o esboço do docente que pretendo me tornar. [...] *como método de pesquisa-intervenção pressupõe um orientação do trabalho do pesquisador que não se*

faz de modo prescritivo, por regras já prontas nem com objetivos previamente estabelecidos [...] é o traçado desse plano de experiência, acompanhando os efeitos (sobre o objeto, o pesquisador e a produção do conhecimento) do próprio percurso da investigação. (PASSOS, BARROS, 2014, p.17-18). Meu percurso até aqui é fluido e natural, mas sempre entre as pessoas, os processos, programas de extensão, pesquisas, apresentações teatrais, exposições, escolas, alunos, universidades, oficinas, rodas de conversa, filhos, esposa, amigos, colegas, familiares, projetos, disciplinas, pessoas, pessoas, Pessoa. Vejo nessas palavras que fazem parte de minha construção como professor, artista, pesquisador um emaranhado de experiências e emoções, e eu percebo como próprio decalque que eu coleí e farei dele uma tatuagem que depende de cada uma das experiências, das pessoas com as quais me envolvo e assim tudo que



Lip Wadocha

DECALQUE NA PELE

Preparando a pele com o desenho passado pelo papel hectográfico, deixando a marca roxa característica desse procedimento.



Lip Wadocha



Lip Wadocha

DECALQUE DOCENTE

"Caminhar por diversas escolas durante minha formação foi imprescindível para minha construção como professor, e de cada experiência surge uma nova ligação que se torna o decalque do profissional que busco ser."

era apenas linha e mancha roxa, típica do papel hectográfico, me formam aluno e professor, me transformam em pesquisa e pesquisador, em tatuagem e tatuador. Essas linhas e manchas de um decalque me trazem um conceito fundamental para a consolidação da tatuagem e da maneira que venho apresentando a escrita até aqui que é o rizoma. Rizoma é um conceito idealizado por Gilles Deleuze e Felix Guattari (1995) que traz a botânica como referência pela sua forma e o próprio termo, mas com um conceito de maior amplitude. As conexões que nos são corriqueiras podem ser relacionadas com a grama que se amplia e cria novas conexões, assim, na biologia as raízes e tubérculos são relacionadas aos nossos vínculos com as coisas como mencionam os autores supracitados na obra *Mil Platôs: Diferentemente das árvores ou de suas raízes, o rizoma conecta um ponto qualquer com outro ponto qualquer, e cada um de seus traços não remete necessariamente a traços de mesma natureza, ele põe em jogo regimes de signos muito diferentes, inclusive estados de não-signos.*

O rizoma não se deixa reduzir nem ao Uno nem ao múltiplo... Ele não é feito de unidades, mas de dimensões, ou antes, de direções movediças. Não tem começo nem fim, mas sempre um meio, pelo qual ele cresce e transborda. Ele constitui multiplicidades. (DELEUZE, GUATTARI, 1995, p.31). Portanto olhar para um decalque, muitas vezes me dá a ideia de um rizoma, onde os traços vêm e vão, se cruzam interligando desenhos, se juntam ligando blocos, me orientando mesmo podendo parecer a outras pessoas um emaranhado de informações onde nada faz sentido. Caminhar por diversas escolas durante minha formação foi imprescindível para minha construção como professor, e de cada experiência surge uma nova ligação que se torna o decalque do profissional que busco ser. Quando pensamos na formação do professor, dificilmente temos a clareza de que o profissional está em constante evolução e aprendizado, mesmo fora da sala de aula da universidade ou da escola.





Lip Wadocha

É no dia a dia que a paixão pela docência adentra em nossos corações, é em uma troca de olhar com o aluno quando estamos aprovando uma atitude respeitosa, em uma testa franzida que mostramos a criança que sua posição dentro da classe não foi bem vinda, quando nos abaixamos ao lado da mesa do aluno para sanar alguma dúvida ou principalmente quando ouvimos nossos alunos e assim os damos a devida atenção. Penso que para Ferraz e Fusari (2009, p. 16) ao afirmar que: *“o fundamental, portanto, entender que a arte se constitui de modos específicos de manifestação da atividade criativa dos seres humanos, ao interagirem com o mundo em que vivem, ao se conhecerem, e ao conhecê-lo”*, a arte esteja viva dentro do ambiente escolar, pois ela não se dá apenas fazeres artísticos, mas em experiências outras, conforme afirmam Martins, Picosque e Guerra(2010, p. 129):*Essas ações não ocorrem de forma estática quando estamos vivendo o processo de ensinar-aprender em arte, pois o poetizar, o fruir e o conhecer entram em jogo, somados às especificidades dos conceitos, fatos, procedimentos, atitudes, valores e normas próprias das linguagens artísticas.* O professor, em especial no ensino da arte deve lapidar um olhar sensível, fazer com que as coisas ao redor dos alunos sejam sentidas, experimentadas, entendidas, e assim ele se entenda parte dos processos socioculturais no qual está inserido, como menciona Barbosa (1990, p.89): *[...] é relevante que o professor promova experiências significativas de ensino da Arte para desenvol-*

ver a criatividade e corresponder ao conjunto das ações do aluno, despertando assim o conhecimento por meio da criatividade, do imaginário interpretativo, desenvolvendo habilidades onde este sujeito possa expressar ideais políticos e socioculturais. Dessa forma é de fácil entendimento que o professor deve estar em constante aprendizado e buscando sempre agregar conhecimento de forma que suas estratégias metodológicas sejam sempre inovadoras. Cito Ferraz e Fusari (2009, p. 150) quando mencionam:*[...] o professor ou professora de Arte precisa ter bem claro quais são os encaminhamentos de seu processo didático e o papel da arte junto às crianças, jovens e adultos. Ensinar a fazer e apreciar arte, portanto requer a preparação e sistematização do trabalho pedagógico, que se faz por intermédio de atuações didáticas bem planejadas, desenvolvidas, registradas e avaliadas tanto em seu processo como também em resultados.* Este cuidado minucioso para com o próprio currículo deve ser proveniente de qualquer profissão, contudo, não é demasiado mencionar o quão importante é quando avaliamos a influência que um professor tem sobre a formação de um aluno. Digo sem receio, que diversas áreas da vida de uma turma são alcançadas pelas palavras de um professor, por essa razão, a seriedade e comprometimento devem ser atribuídas sempre às aulas de um profissional que tem a possibilidade de contribuir na formação de seres humanos críticos e atuantes.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA APLICADA EM JULHO DE 2019 DURANTE O PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

Quando percebo minha passagem pela graduação sinto ela efêmera, assim como o decalque. Lembro do meu primeiro dia em sala de aula como acadêmico e de muitas experiências que o curso de Artes Visuais me proporcionou, e mesmo assim a sensação que tenho é que esses quatro anos passaram num piscar de olhos. Entendo a maneira como as disciplinas foram colocadas dentro da matriz curricular de forma que pudessem nos dar suporte, enquanto docentes em formação, para assim conseguirmos entender o papel do professor de Artes dentro do ambiente escolar. Sem esquecer a potência das inúmeras vivências

que ocorreram durante esse processo e que me proporcionaram um olhar afetivo aos meus alunos me possibilitando maior aproximação com o objetivo de ser um professor que está atento às mudanças e necessidades das crianças e adolescentes que terei contato em sala de aula. Para ilustrar o que apresentei neste capítulo, mencionando a cartografia, o olhar para o sensível, a formação do professor, o desenvolvimento de um artista, entre outros, convido você leitor ou leitora a adentrar no capítulo Contorno e Pintura, no qual eu vou citar algumas experiências que contribuem para entendimento dessa pesquisa.





Contorno e Pintura

Não me importo com as rimas. Raras vezes
Há duas árvores iguais, uma ao lado da outra.
Penso e escrevo como as flores têm cor
Mas com menos perfeição no meu modo de exprimir-me
Porque me falta a simplicidade divina
De ser todo só o meu exterior.
Olho e comovo-me,
Comovo-me como a água corre quando o chão é inclinado
E a minha poesia é natural como levantar-se o vento...
Alberto Caeiro (2005)

Assim como não existem duas árvores iguais, não haverá dois traços iguais feito por tatuadores diferentes, e assim como a poesia de Caetano é natural a produção de um tatuador ou uma tatuadora também corre como água em chão inclinado, assim como o contorno e pintura que são elementos básicos de qualquer tatuagem e se fazem necessários para a composição dessas, mesmo que um deles possa ser dispensado em algumas técnicas ou estilos, como o caso das tatuagens de traço fino em que não se faz uso de pintura ou uma aquarela em que o traço não seja tão evidente, mas um dos elementos será visto em qualquer tatuagem. Para a pesquisa relaciono estes procedimentos com o meu próprio caminhar, minhas experiências em diversos momentos da graduação e que foram indispensáveis para o me construir como docente. Também relaciono com a fundamentação teórica que caminhou comigo ao longo desse período. Em alguns ciclos precisei ser focado e firme, mais técnico, por conseguinte faço uma relação com as disciplinas teóricas, as pesquisas, as escritas e outras etapas que mostram meu traço, a exigência de foco e também minha determinação. Aqui me percebo o Felipe pesquisador. Já em outros ciclos meu coração sempre falava mais alto, eu fui poeta e poesia, me deixei levar pelo amor e pelos sentimentos mais puros possíveis, e sempre fui o mais leve possível e tentei fazer e viver de maneira sutil e prazerosa, deixei fluir, fui pintura e fui sombreado. Vejo aqui o Felipe artista. Mas a coisa mais louca é pensar que em uma tríade a figura do Felipe professor é traço e pintura, uma linda junção de leveza e firmeza que se construiu nos últimos quatro anos.

Algo que foi enriquecedor para minha formação foi entrar para o PIBID – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, e se eu fechar meus olhos consigo lembrar perfeitamente dos meus primeiros dias como Pibidiano. Lembro-me de quando me apresentei às demais colegas do subprojeto de Artes Visuais e que estava com pouco de medo por ser algo novo, mas que aos poucos o amor por aqueles encontros semanais foi se tornando cada vez maior e o medo já não se fazia presente. Já na escola foi diferente, nunca senti medo, nem mesmo no primeiro dia de ida a escola, e se dessa vez eu fecho os olhos eu dificulto a passagem das lágrimas pelos cantos deles e aos poucos elas correm suavemente em meu rosto encontrando, como um beijo sutil, os lábios e assim, sinto o salgado dando uma pitada de sabor às minhas lembranças. Sinto cheiro do orvalho sobre a grama que levemente se desfaz com o chegar do sol por um caminho longínquo, mas necessário até a chegada na escola. Sim, ainda tem orvalho, pois a saída de casa é bem cedo para chegar em uma escola que está do outro lado da cidade referente ao meu lar, e nos frios que fazem por Criciúma nos dias de maio o sol começa a aquecer lá pelo início da segunda aula e até chegar nesse momento já se passaram umas três horas. Ubaldina Rocha Ghedin, foi uma mulher que decidiu mudar o mundo através da educação, e assim o fez. Mudou o mundo de diversas pessoas de sua comunidade quando decidiu que seria professora e assim contribuiria para o desenvolvimento local de um lugarzinho que fica na periferia da zona rural em Criciúma, no Bairro Linha Anta, que faz divisa com o município de Morro da Fumaça. Ubaldina, como é carinhosamente chamada pelos alunos e é nela que



Lip Wadocha

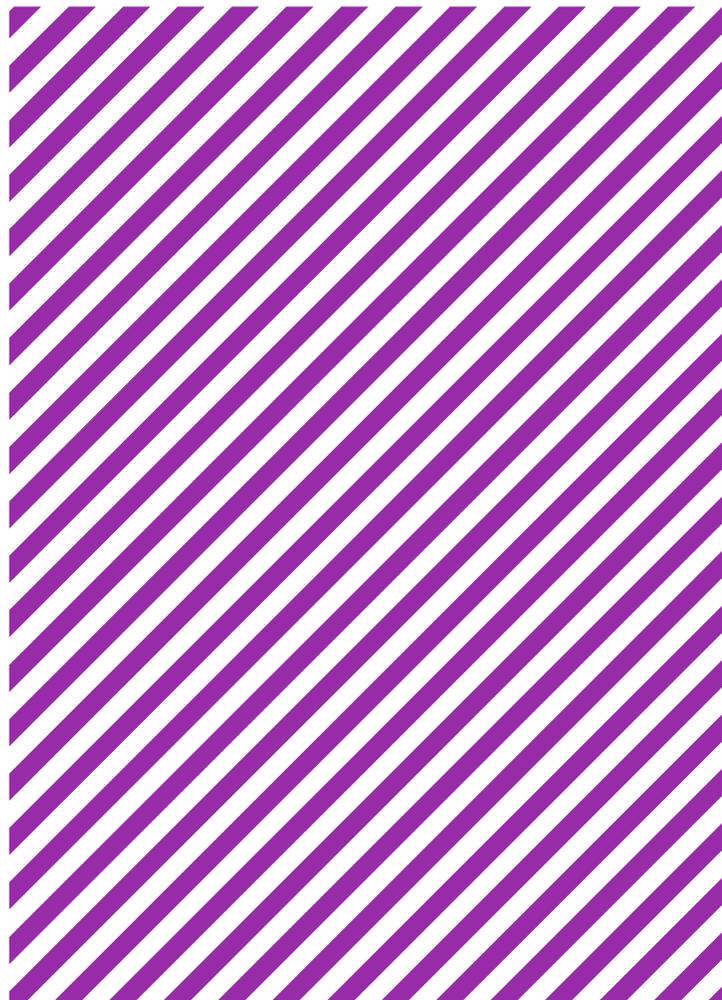
conheço o professor Marcos, um exemplo de profissional, um tutor, um amigo que a graduação me presenteou, ali na E.M.E.I.E.F. Ubaldina Rocha Ghedin. Foi em uma experiência na escola citada acima e com o professor Marcos que comecei a ter um outro olhar sobre minha construção dentro do curso de Artes Visuais e a perceber que, em pouco tempo, eu já estava vivendo a docência que se apresentaria para mim por diversas vezes posteriormente. Em um dos dias frios de maio de 2016, após um encontro do PIBID na aula de Artes do quarto ano da Ubaldina, que Marcos me fez um convite que se mostrou mais como uma convocação. Ele dizia que eu deveria me apresentar para os alunos como artista visual e falar um pouco da tatuagem de maneira mais leve possível para alcançar crianças de 10 anos em média, mal sabendo ele que esse incentivo estava mudando em mim a maneira de como eu percebia a tatuagem e suas possibilidades, me causando distintas interpretações da vivência.





Traço Fino

Quando penso em minha produção em tatuagem hoje, não consigo lembrar como exatamente era antes de entrar para a UNESC, como acadêmico. O que me vêm à memória é uma produção mais voltada para o comercial e minhas inquietações relativas ao dar conta de manter o meu estúdio de tatuagem em funcionamento. Aos poucos fui percebendo que eu estava produzindo e vivendo da arte, e que minha tatuagem era mais envolvente aos meus suportes do que a imagem que muitos tatuadores se contentam em apresentar aos espectadores e colegas. Quando o professor Marcos me incita como artista, eu me percebo como tal, e mais ainda, tento exaltar meu lado artista enquanto monto uma apresentação para os alunos, e dessa forma consigo alcançar o que busco. E, pela primeira vez, tenho a ideia de possibilitar uma oficina de tatuagem como prática artística. Apresentei diversos conceitos e técnicas sobre a linguagem aos alunos do quarto ano do Ubaldina, e assim eles puderam produzir tatuagens, uns nos outros, usando canetinhas para finalizar o desenho na pele de seus colegas.



Para que essa fala fosse agradável aos alunos, recorri a uma das principais ferramentas de um professor na sala de aula: o plano de aula. Ele foi meu norte para que eu pudesse pensar qual conteúdo eu levaria para as crianças de maneira que eu pudesse falar sobre a tatuagem e propor uma prática finalizando em oficina. A construção do plano de aula me ajudou a me perceber como professor e ao mesmo tempo me fez compreender meu papel na sala de aula também como um artista. Para mim era muito importante me apresentar como artista, mas eu vi ali a oportunidade de me perceber como professor e me autoanalisar enquanto profissional em formação. Lembro que minha preocupação era de apresentar essa linguagem artística de uma maneira que não se formasse um olhar para com ela de marginalização ou possivelmente desconstruir algum preconceito vindo de casa, e assim, consegui falar brevemente para



Lip Wadocchia

as crianças sobre a história da tatuagem no Brasil e no mundo. Apresentei também quais os principais estilos que se produzem hoje, quais os riscos recorrentes ligados à tatuagem, mencionei sobre seu caráter identitário muito bem-vindo para representar a diversidade social que encontramos nos ambientes em que convivemos, entre outros... e dessa maneira, Felipe professor oportunizou a atuação do Felipe artista tornando a experiência mais intensa. Tive a oportunidade de falar para as crianças algo que quase nunca se fala em uma sala de aula ou mesmo em um estúdio de tatuagem, que é a história da tatuagem. Não conseguimos dizer ao certo como ela nasceu a não ser se recorrermos aos registros e descobertas acerca de materiais longínquos que trazem marcas referentes a tatuagem. Apresento na sequência um pouco desta história. O envolvimento da tatuagem no meio urbano só ganhou conotação na década de 1780 quando o capitão inglês James Cook teve contato com a prática de tatuar na Indonésia e a propagou entre os marujos de diversas partes da Europa. *“Os marinheiros foram os ventos mais fortes que espalharam a tatuagem ocidental pelo globo”* (JEHA, 2019, p.21), dessa forma muito atribui-se a eles a propagação da tatuagem no mundo ocidental e no Brasil sendo que *“itinerantes, eles levaram e trouxeram a tatuagem para muitas paragens brasileiras”* (JEHA, 2019, p. 14), e dessa forma a prática da tatuagem foi ganhando espaço e visibilidade, alcançando pessoas de todas as partes do mundo. Pires apresenta um olhar contemporâneo para essa prática tão antiga (2005, p. 89): *A tatuagem hoje, mais do que uma marca estética ou um amuleto protetor, representa um prolongamento da mente. O indivíduo que a adquire transfere para ela a memória de um fato ou de uma situação. A lembrança, que antes habitava na memória ou em determinados objetos externos ao corpo, agora é incrustada na pele.*

A autora menciona ainda a característica peculiar que a tatuagem carrega consigo em ser uma produção artística que está em deslocamento, mencionando que *“a relação que estamos habituados a manter com as imagens - sejam obras de arte, de publicidade, sejam de comunicação visual -, na qual transmitimos entre elas, que permanecem fixas, está se modificando com a introdução, na arte, deste novo suporte: o corpo”* (PIRES, 2005, p. 89). É certo que *“interferir no corpo com esse procedimento surpreendeu muitos ortodoxos do corpo imaculado e criou polêmicas no âmbito social e político”* (RAMOS, 2006, p. 3). bem como em outras linguagens artísticas que envolvem o corpo como a performance por exemplo. *“Nesta linha, a corporeidade tem sido tratada como lugar de inscrição simbólica, lugar sógnico que reflete posições sociais na estrutura de relações de poder”* (FERREIRA, 2007, p.291). Sendo assim, quem procura potência em expressividade, encontra na tatuagem uma alternativa de exteriorização de sentimentos e de ideais que ultrapassa questões fronteiriças em uma outra linguagem artística. Segundo Ferreira (2007, p. 292): *O corpo assume assim o estatuto de operador social, onde o social se torna possível e onde, conseqüentemente, se revela a eficácia do social sobre o indivíduo. Esta visão estrutural pressupõe a incorporação como duplo movimento de interiorização da exterioridade (isto é, das condições objectivas de existência do agente incorporado) e de exteriorização da interioridade (sob a forma de percepções, representações, esquemas de classificação da realidade e práticas por parte do agente incorporado).* Quando uma pessoa procura um tatuador ou uma tatuadora, ela está em uma necessidade real e visceral de marcar a própria pele de maneira que seus anseios, suas crenças, suas histórias sejam marcadas e eternizadas. as que têm o privilégio de tocar na pele humana, como poucos profissionais o fazem durante seus processos de produção.

Poder tratar de questões como essas com as crianças faz muito sentido para mim, quando passo a pensar em minha posição dentro da sala de aula. como professor. Posição essa que me dá a chance de trabalhar questões pertinentes e fundamentais relativas à tatuagem. Principalmente quando penso que meus alunos terão contato com pessoas tatuadas e muitas vezes poderão ter uma visão distorcida sobre tal prática. A meu ver o papel do professor é instigar diálogos que suscitem, provoquem pensamentos sobre a tatuagem e sobre as pessoas tatuadas, buscando desconstruir e reinventar opiniões já formadas. Após uma fala abordando essas questões acerca das características da tatuagem surgia então o momento que poderíamos partir para a prática onde os alunos fizeram uma tatuagem simbólica em seus colegas. Pensar na oficina como uma ação didática foi minha maneira de apresentar um conteúdo diminuto na maioria das vezes em um período escolar. Falar da tatuagem na escola, como linguagem artística é imprescindível para a desmarginalização da mesma, pois estamos tratando dela com um público que está construindo seu caráter e os pré-conceitos estão sendo moldados, por isso a amplitude de tratar da tatuagem em ambiente escolar.



Lip Wadocha





Sombreado

Lip Wadocha

Montei a oficina que finalizaria a fala pensando em como cada um dos alunos pudesse desenhar em um papel algo que lhes remetesse a alguma história ou sensação para depois finalizar o desenho na pele de seus colegas com canetinhas e após isso eles poderiam utilizar uma máquina de tatuagem montada e riscar com ela em um pedaço de E.V.A. Comecei me apresentando como tatuador e contei um pouco sobre a minha trajetória e de como eu criava meus desenhos. Em seguida apresentei fotos de trabalhos meus e de outros tatuadores em diversos estilos e técnicas, causando um burburinho dentro da sala, sendo que alguns amavam as imagens apresentadas, outros arregalaram os olhos, outros faziam cara de medo, e todos se mostraram curiosos, tocados e interessados em abrir questionamentos sobre o significado de cada desenho. Qual motivo de ter caveira se ela podia representar algo ruim? E após as mais distintas reações estávamos dentro de um espaço onde cada um levantava seu questionamento e fazia suas indagações, mencionando qual era o contato que eles tinham com a tatuagem. Quem da família possuía? Eles gostavam? Diziam se tinham medo ou se gostariam de fazer quando se tornassem adultos?



Lip Wadocha



Lip Wadocha

A grande curiosidade era sobre os desenhos de caveira, que para eles representava a morte ou algo negativo, e foi nesse momento que pude levar a conversa para outro lado e fazer relação desse desenho com a igualdade perante as diversidades. Comentei que somos distintos e temos nossas peculiaridades enquanto pessoas singulares que somos, entretanto, nossas diferenças, de roupa, cabelo, pele, dinheiro, e outros, acabam quando pensamos que anterior a tudo isso somos caveiras que não possuem particularidades que carregamos nas nossas identidades, e após uma pequena conversa, muitos se interessaram em produzir desenhos que tivessem ligação com caveiras. Acredito que a escola é o local mais adequado para tratarmos de pluralidades entre os indivíduos de uma sociedade, portanto, devemos apostar “[...] na arte como contribuição para o desenvolvimento sensível, indispensável na construção e na condição humana” (PILLOTTO, 2007, p.18). Nesta perspectiva Martins (2012, p. 17) corrobora com a autora supracitada quando diz que: *No contato sensível com a produção artística, tanto de artistas de diferentes épocas quanto de parceiros num grupo, somos instigados a ampliar nossa própria significação do ser humano, do mundo, da cultura. Tocamos e somos tocados pelas formas simbólicas que o ser humano criou e tem criado em sua longa trajetória.*

O ensino da arte nos possibilita, ou pelo menos deveria, trabalhar de maneira que nossa percepção de mundo esteja em constante transformação, e aberta para novos olhares e novas significações e “[...] a convocação dos sentidos como brecha de acesso tem de começar por nós mesmos, como professores” (MARTINS, 2012, p. 20). Precisamos refletir sobre quão potente é a nossa ação docente para os estágios de desenvolvimento dos alunos com os quais temos contato e nos empenhar buscando alternativas que possam

responder a questão colocada por Martins (2012, p. 20): *como aprender com nossos acertos e desacertos, investigando quais as metodologias que podem melhor cercar as obras que selecionamos para os encontros especiais com a arte?* “Precisamos nos colocar no papel de um professor investigador, que sempre está atento às inquietações pertinentes de seus alunos, entrando em um benefício mútuo sendo que “[...] a linguagem da arte nos permite ver o mundo mostrando-o de modo condensado e sintético, extrapolando o que é previsível e o que é conhecido” (MARTINS, PICOSQUE e GUERRA, 2010, p.39). E é neste movimento de reflexão e experiências que percebo a beleza de poder trabalhar dentro de um espaço onde a própria produção está sendo colocada como metodologia de uma prática docente. Penso que o artista ao se envolver com a Educação, se encanta interminavelmente com os seus pares, e assim sendo, “[...] um projeto na escola não pode ser comparado a um simples planejamento de atividades que deverão ser cumpridas, mas as certas intenções e possibilidades, em constante avaliação e replanejamento” (MARTINS, PICOSQUE e GUERRA, 2010, p.151) valendo-se das construções cotidianas escolares. Também julgo interessante a socialização dessas vivências de sala de aula, transformando-as em relatos de experiência, resumos ou artigos para eventos científicos a fim de apresentar as realidades de um plano de aula que saiu do papel, dialogando assim com textos como dos autores citados acima onde apresentam um caminhar docente voltado para uma construção de saberes que são muito bem vindos, entretanto, colocá-los em prática e perceber a legitimidade de seus posicionamentos faz com que nossa segurança na prática docente seja tangível.



Lip Wadocha

Aquarela

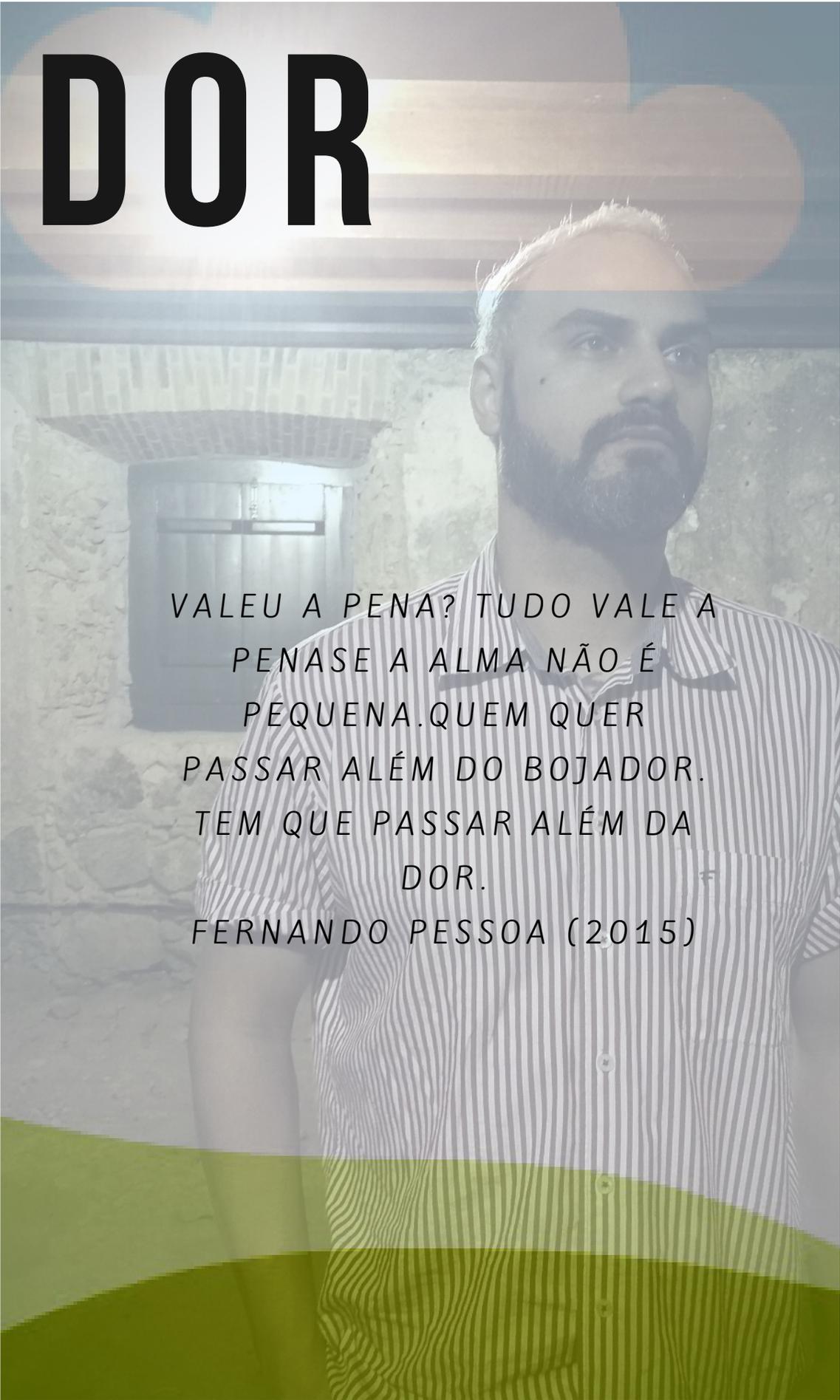
Também nasce dessa experiência uma escrita para um evento científico que vem como relato do que vivenciamos e o que tiramos de uma aula que seria corriqueira e se tornou mais potente do que eu havia imaginado de antemão, reverberando diversas outras possibilidades que ainda me trazem frutos do que um dia eu nem sabia que estava plantando. Levei junto com mais uma colega e o professor que nos supervisionava essa experiência para o ENALIC - Encontro Nacional das Licenciaturas em dezembro de 2016 com o título de: Identidades e diversidade em uma experiência do PIBID de Artes Visuais nos anos iniciais da Educação Básica. Nele evidenciamos a oficina de tatuagem que aconteceu na E.M.E.I.E.F. Ubaldina Rocha Ghedin trazendo a origem da prática, como ela tinha o objetivo de identificar um grupo ou classificar determinados indivíduos de uma comunidade, e, como na atualidade ela passou a caracterizar algo pessoal para cada sujeito. Acredito que é primordial apresentar essas diferenças para as crianças a fim de que elas saibam respeitar as particularidades de cada pessoa, uma vez que cada um carrega consigo características de experiências singulares. Quando a pessoa consegue aceitar as diferenças existentes no seu ambiente de convívio, ela se torna mais tolerável com as multiplicidades em seu entorno.

Ainda que essas crianças morem no mesmo bairro, estudem na mesma escola e na mesma sala de aula, seus gostos são diversos, suas experiências de vida são únicas, seu repertório influencia na sua construção pessoal e isso no futuro contribuirá na ampliação dessa pluralidade. Até mesmo a maneira como enxergam um mesmo objeto faz com que suas percepções mudem a característica desse material, e nesse caso foi a tatuagem e seus desenhos de caveira que começaram a abrir a mente daqueles alunos modificando suas percepções pelo que é diferente delas. Nossas inquietações, nesse movimento proposto nas aulas de Artes do 4º ano, rondavam acerca das colocações que as crianças levantavam sobre o preconceito em relação a tatuagem. Muitos deles mencionaram que os pais possuíam e eram adeptos da prática, porém, outros tantos não tinham o mesmo olhar para com ela, inclusive afirmavam ser uma prática desapropriada para o meio em que viviam. Archer (2001, p. 1) menciona que *“hoje aceitamos sem discussão que, em arte, nada pode ser entendido sem discutir e, muito menos, sem pensar”*. A produção artística não deve ser apenas apreciada, todavia, devemos refletir sobre questões que ela nos apresenta ou que nos deixam inquietos. Perceber nas falas das crianças uma abertura para que suas vozes e suas opiniões pudessem construir uma verdade de acordo com as realidades apresentadas, era algo mágico que eu estava vivendo sem mesmo perceber que era um propositos e facilitador.



Silveira e Loreto (1995, p.64) entram em consonância sobre esse assunto ao afirmar que: *Tanto artista quanto espectador participam do mundo como sujeitos ambíguos (vidente e visível) podendo jogar com sentidos dados e sentidos originais. A arte, não tendo obrigação de manifestações determinadas, objetivas, abrange um campo maior da expressão humana e nem por isso deixa de ser comunicação e conhecimento. A arte não está colocada para um objetivo, nem mesmo para finalizar uma proposta pedagógica. Pelo contrário, através dela é que possibilidades se apresentam, manifestações e as discussões se aproximam e se engrandecem. Ao trabalharmos questões relativas ao corpo com as crianças, podemos perceber suas fragilidades e potencialidades em torno de aceitação de si e do outro, pois entender as diferenças em seu entorno faz com que possamos ter um olhar empático e sensível em nosso convívio coletivo. Cauquelin (2005, p.148) nos apresenta esse olhar sobre o corpo, sobretudo a body art: A arte assume com frequência uma postura de reivindicação: o corpo na cidade contemporânea é negado, rejeitado, neutralizado, funcionalizado ao exagero. O artista reivindica então um direito ao corpo, a emoção carnal, mesmo que tenha de passar pelo sofrimento - a body art põe em cena o corpo torturado do artista, o inaceitável, o feio, o sujo, mesmo o pavoroso. Sendo assim, entendo que questões pertinentes a arte contemporânea são muito bem-vindas e necessárias para a formação das crianças na sala de aula. Por meio das pesquisas somos capazes de produzir conhecimento em nós mesmos e nas trocas com outrem, “[...] desfrutando de viver em um entrelugar, estabelecendo relações entre a teoria e a prática como parte dos processos de criação e aprendizado.” (BRIGIDO, 2016, p.16).*

DOR

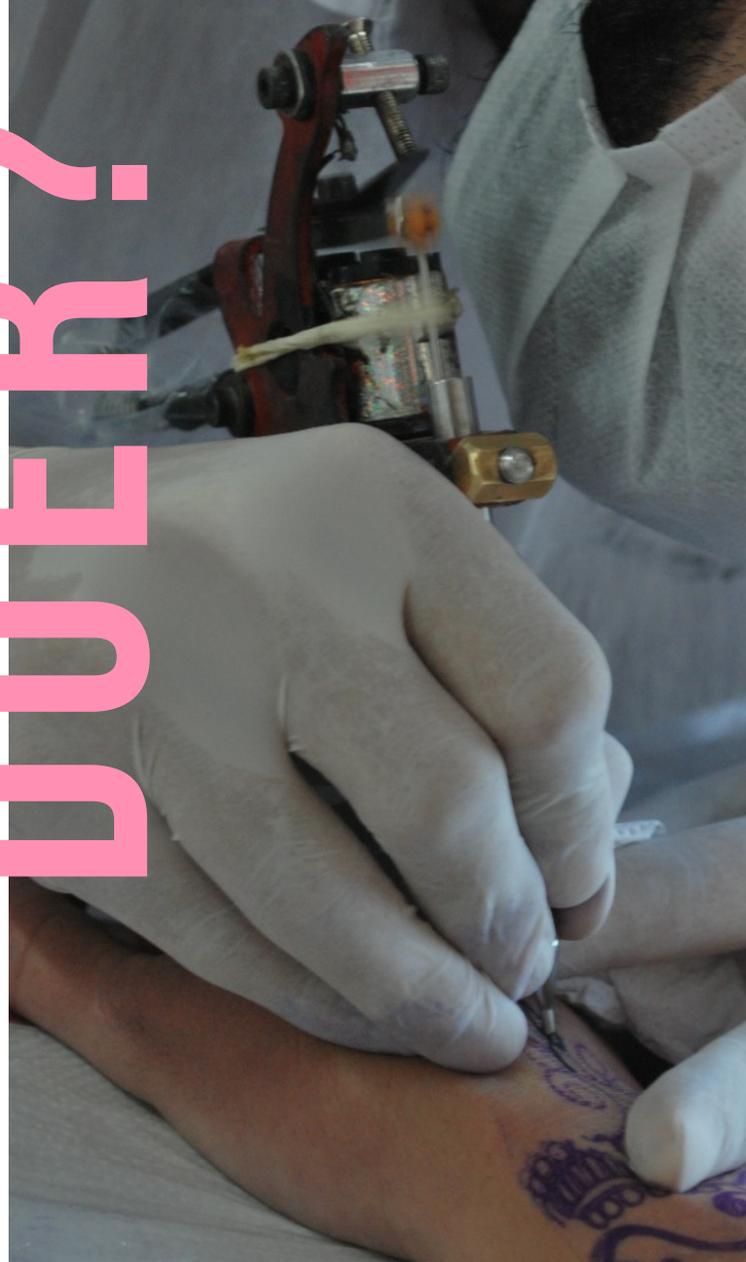


VALEU A PENA? TUDO VALE A
PENASE A ALMA NÃO É
PEQUENA. QUEM QUER
PASSAR ALÉM DO BOJADOR.
TEM QUE PASSAR ALÉM DA
DOR.

FERNANDO PESSOA (2015)

Vai doer? Eu ouço isso todos os dias, ou até três ou quatro vezes ao dia. E a resposta seria sempre a mesma: Vai doer! Digo que seria sempre a mesma, pois não é legal assustar quem está com medo e procuro deixar meus clientes tranquilos em todos os procedimentos.

SEMPRE DOER?



Lip Wadocha

Assim como Pessoa, penso que quem quiser um ganho ou obter resultado em alguma atividade por exemplo, terá que passar além da dor, e na tatuagem também será dessa forma, principalmente pelo rompimento de tecido com a agulha inserida na pele.



Lip Wadocha

VAI

Escrevo esse tópico ao som de Tchaikovsky ópera 35 e não tenho como não me emocionar, pois a dor que dá título a esse capítulo está diretamente ligada ao crescimento, ao ganho. Dor e tatuagem quase chegam a ser sinônimos e sem uma a outra não existe, assim como nas nossas vidas, visto que a dor faz parte de muitas experiências. Quando nos empenhamos em qualquer tipo de projeto passamos por diversas dificuldades que nos fazem pensar em desistir, em mudar o rumo do nosso caminhar, em não colocar tanta energia em algo que nos tire algumas noites de sono.

Porém, quando são colocados na balança os prós e contras, e o real motivo que nos leva até aquela situação é evidenciado, sentimo-nos revigorados, com novo fôlego e com motivação para erguer a cabeça e continuar. Tatuagem e vida se entrelaçam e terminamos uma sessão ou um projeto, um traço, uma pesquisa, um sombreado, uma extensão, uma pintura, uma graduação...uma tatuagem. Sendo assim a dor é apenas fragmento da experiência, talvez o mais importante e valioso dos fragmentos de um processo, pois acima de tudo ela é parâmetro para sabermos se vale a pena continuar e pelo que estamos sentindo dor.



Somente pela dor que continuamos vivos, pulsantes e acreditando em nossos sonhos, e assim é na caminhada docente. Ela muitas vezes é dolorosa e cansativa, porém, concomitantemente prazerosa. Nem tudo são flores, nem todos os dias o sol nos brinda com seus raios, nem todos os dias estamos dispostos a gastar energia com assuntos corriqueiros. Todavia, por sabermos que dias assim virão é que nos preparamos continuamente, sem cessar nosso processo de aprendizagem e a busca por metodologias pedagógicas que nos favoreçam em nossa atuação nos espaços de Educação. O capítulo Dor traz consigo meu processo de coleta de dados, o espaço possível de trocas que possibilitou uma conversa fluida e proveitosa, e acima de tudo, uma fala agradável por parte dos entrevistados. Em primeiro momento a ideia era de reunir na Sala Edi Balod oito tatuadores que passaram ou estão passando pelo Curso de Artes Visuais da UNESC.

Fiz o convite para que eles dividissem nesse espaço suas experiências dentro da sala de aula como acadêmicos e também na prática da tatuagem. Minha lista inicial era bem maior, mas fui percebendo qual era o perfil das pessoas que eu gostaria que participassem dessa roda de conversa, chegando assim a essas oito pessoas que foram convidadas para fazerem um lanche enquanto conversávamos no dia 27 de setembro de 2019 às 19:00h. A sala e os materiais para gravação de vídeo e áudio foram previamente reservados e assim pude fazer o convite pessoalmente ou através de mensagens via aplicativo de celular, recebendo aceite de todos os convidados já no primeiro contato. Assim chegando a data, consegui me organizar para receber as pessoas convidadas, mas infelizmente para minha dor, apenas três tatuadoras puderam se fazer presentes.

Os demais participantes tiveram infortúnios que comprometeram as suas presenças no horário marcado, e talvez pudessem chegar um pouco mais tarde. Eu já estava preparado para possibilidades como essa e sem comprometer a roda de conversa iniciamos nosso bate papo dando início as narrativas de cada uma das mulheres que se fizeram presentes. Previamente montei um roteiro e apresentei às tatuadoras a estrutura de uma entrevista que seria dividida em cinco blocos, sendo que no início eu me apresentaria e assim o faria referente a pesquisa que estava desenvolvendo. Logo elas poderiam se apresentar mencionando como foi o início de suas práticas como tatuadoras partindo para a tatuagem como objeto de pesquisa, tatuagem como prática artística e finalizando tatuagem como possibilidade de conteúdo na escola básica.



Lip Wadocha

RODA DE CONVERSA NA EDI BALOD

Preparando a pele com o desenho passado pelo papel hectográfico, deixando a marca roxa característica desse procedimento.

E assim aconteceu a primeira parte da minha coleta de dados. Posteriormente procurei individualmente cada um dos convidados que não pode comparecer no encontro marcado na Sala Edi Balod, e então conversamos sobre as mesmas questões levantadas na primeira etapa da coleta. Para analisar as respostas dos seis tatuadores, decidi separar assuntos, sendo que eles se misturam na escrita, mesmo que minha conversa com eles tenha sido separada em momentos distintos, ficando da seguinte maneira. Sinalizarei as falas dos tatuadores e tatuadoras, com os nomes que escolheram para acompanhar a referida pesquisa, destacadas em *itálico* para que seja possível diferenciar a fala dos entrevistados e as citações dos autores que trago para fundamentar os argumentos e as reflexões. Na primeira etapa, com as tatuadoras, nossa conversa iniciou com a pesquisa em evidência. Tenho um olhar apaixonado pela tatuagem e penso que a possibilidade de pesquisa relacionada a essa prática é muito abrangente e necessária para sua compreensão, dessa forma, procuro em outras pessoas uma fala que me apresente essa consideração para a linguagem artística aqui apresentada. Questionei-as sobre como elas entendem a pesquisa científica?

Valentina

MENCIONA QUE

Entende a pesquisa como um meio para fundamentar e se aprofundar em certo tema, e dessa forma compreender melhor ou problematizar aquilo que foi abordado.

Ludke (2005, p. 8) menciona que os pesquisadores estão preparados para:

Problematizarem, analisarem, criticarem e compreenderem suas práticas, produzindo significado e conhecimento que direcionam para o processo de transformação das práticas escolares. Todavia, reflexão não é sinônimo de pesquisa e o professor que reflete sobre a sua prática pode produzir conhecimento sem, necessariamente, ser um pesquisador. Quando ele avança, indo ainda além da reflexão, do ato de debruçar-se outra vez para entender o fenômeno, encurta a distância que o separa do trabalho de pesquisar, que apresenta, entretanto, outras exigências, entre as quais a análise à luz da teoria.



Lip Wadocha

A própria pesquisa de elementos que vão compor uma produção já é estimulada e colocada em prática no curso de Artes Visuais, ficando explícito quando

Elisa

RESPONDE QUE SUA

Produção dos desenhos é uma forma de expor suas ideias e ideais, e que a pesquisa é anterior a produção em pele, ela está viva desde a conversa assim de sentar com o cliente o amigo, enfim, trocar ideias sobre o que a pessoa quer tatuar, quer representar, ou às vezes tu tem um desenho pronto e a pessoa se interessa inicialmente pela estética visual e aí depois tu vai explicando pra ela de onde tu tirou aquilo ali e ela se interessa ainda mais pelo desenho.

“Produção dos desenhos é uma forma de expor suas ideias e ideais”



Lip Wadocha



Lip Wadocha

CONVERSANDO UM POUCO MAIS E SOCIALIZANDO EXPERIÊNCIAS VIVIDAS NA UNIVERSIDADE

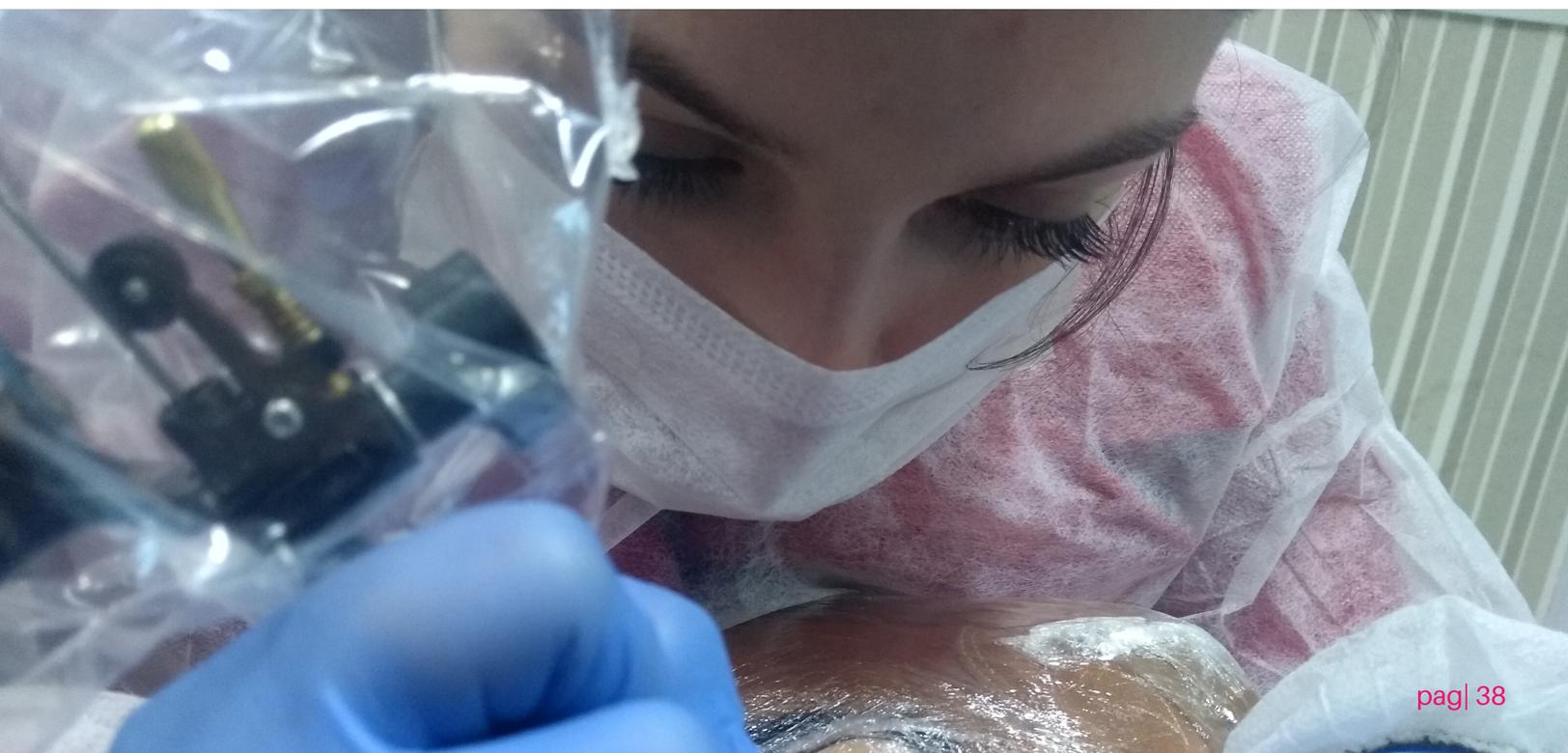
A pesquisa que Elisa menciona está muito ligada à disciplinas que estão inseridas na matriz do curso de Artes Visuais, como o Ateliê de Composição que eu tive na segunda fase da minha graduação. Nessa disciplina aprendemos a desenvolver nosso olhar para a produção de um trabalho que abrace nossas ideias de processo final ao que será apresentado para um cliente por exemplo, fazendo com que possamos elaborar um desenho que traga elementos que carregam consigo a potência do conceito que queremos propor na tatuagem em questão. Outras questões devem ser levantadas em possíveis pesquisas científicas, e vislumbro um horizonte revelando-se em tangíveis haveres quando Valentina menciona que

Pode-se fazer pesquisa em diversas áreas, tanto quanto a questões subjetivas e psicológicas quanto para facilitar o acesso a determinadas pessoas, por exemplo: pessoas com a pele negra, com a pele albina, a tatuagem em uma pessoa com diabetes que tem uma cicatrização diferente. Trazer uma pesquisa que ajude a encontrar soluções para facilitar o acesso de determinadas pessoas.

Meg DIZ QUE

Quando se fala em pesquisa científica logo entende por algo formal, com os embasamentos necessários para a construção de algum conhecimento, isso através de processos, mas acredita que não seja apenas isso, muito mais vale o processo, a experiência que o pesquisador vivencia.

A fala de Meg me transborda em emoções que não sei bem como exteriorizar, pois em minha mente um filme se constrói e relembro de momentos de minha formação em que estava escrevendo um artigo, levando uma escrita para algum seminário, evento da Educação e pensava que nada do que eu escrevesse e nenhuma citação que eu colocasse para fundamentar minha escrita, daria conta de mensurar a potência que havia sido tal experiência. Inclusive a própria coleta de dados dessa pesquisa que seria uma única edição dentro de uma roda de conversa e se tornou uma busca individual por falas de outros tatuadores que pudessem agregar informações ao trabalho. Então minha experiência ganha um outro volume e alguns dias a mais de coleta, pois encontro em outros espaços pessoas que colaboram com informações valiosas sobre as questões levantadas.



EM UM DESSES
ENCONTROS

Larissa,

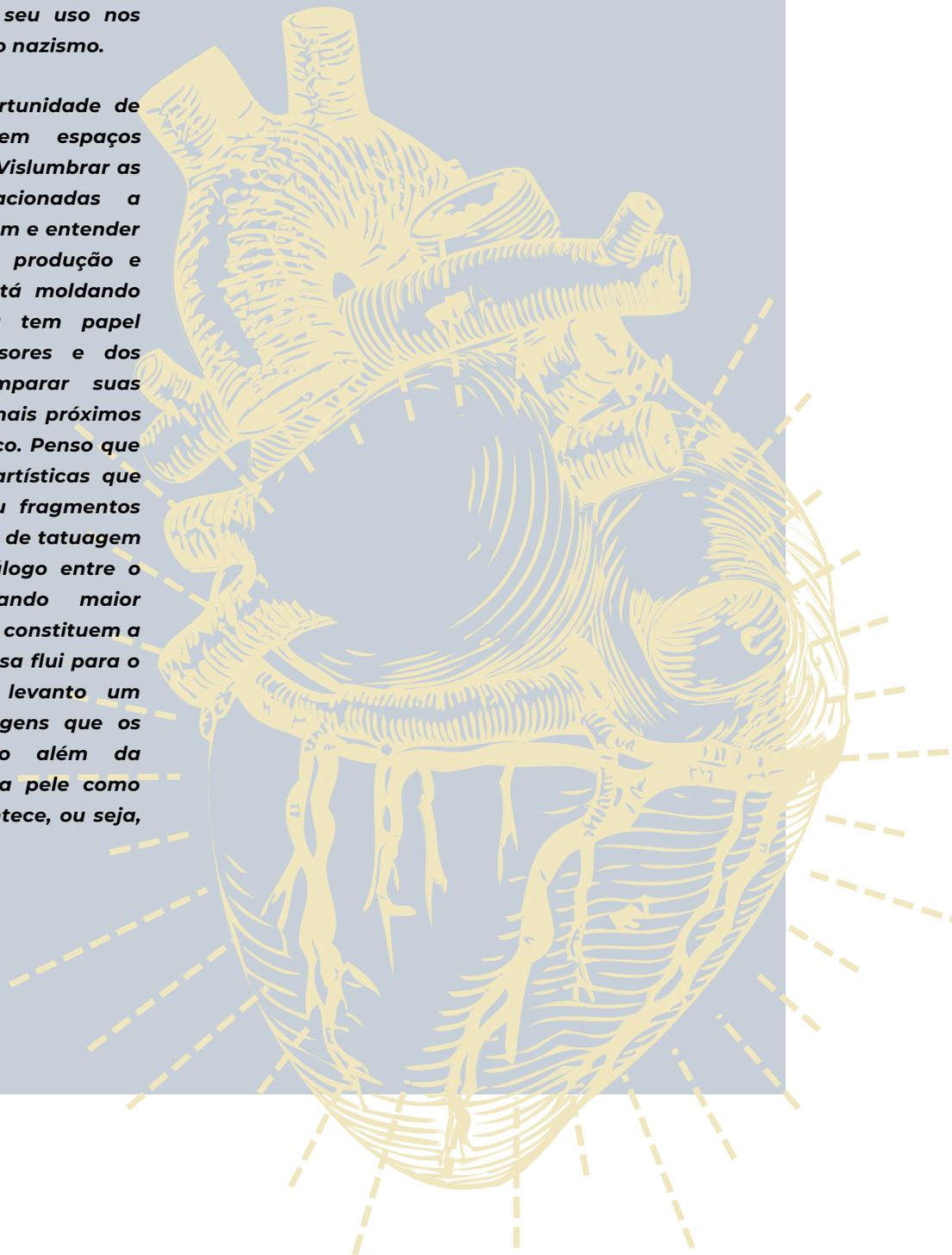
então acadêmica do Curso de Artes Visuais, menciona que

Acho muito interessante falar sobre a tatuagem pois lembro que na minha infância não tive ninguém que falasse sobre ela, inclusive sinto a necessidade de uma abordagem acerca da parte histórica da tatuagem, como ela surgiu, por onde ela andou, e inclusive falar sobre seu uso nos campos de concentração na época do nazismo.

Idealizo assim como ela, uma oportunidade de adentrarmos nessa linguagem em espaços formais e não formais de educação. Vislumbrar as possibilidades de pesquisas relacionadas a tatuagem é olhar para essa linguagem e entender de suas potencialidades enquanto produção e compreender como a sociedade está moldando seu olhar sobre ela. A pesquisa tem papel fundamental na vida dos professores e dos artistas, sendo que ela vai amparar suas produções a ponto de lhes colocar mais próximos dos seus alunos e seu possível público. Penso que um olhar voltado para produções artísticas que tragam elementos da tatuagem ou fragmentos dela, como os rejeitos de uma sessão de tatuagem por exemplo, abrem espaço de diálogo entre o artista e o público possibilitando maior compreensão sobre os processos que constituem a prática. Em vista disso, nossa conversa flui para o campo da produção artística e levanto um questionamento acerca das linguagens que os entrevistados já tiveram contato além da fotografia ou da tatuagem tendo a pele como suporte como tradicionalmente acontece, ou seja, a tatuagem finalizada na pele.

então acadêmica do Curso de Artes Visuais, menciona que

Acho muito interessante falar sobre a tatuagem pois lembro que na minha infância não tive ninguém que falasse sobre ela, inclusive sinto a necessidade de uma abordagem acerca da parte histórica da tatuagem, como ela surgiu, por onde ela andou, e inclusive falar sobre seu uso nos campos de concentração na época do nazismo.



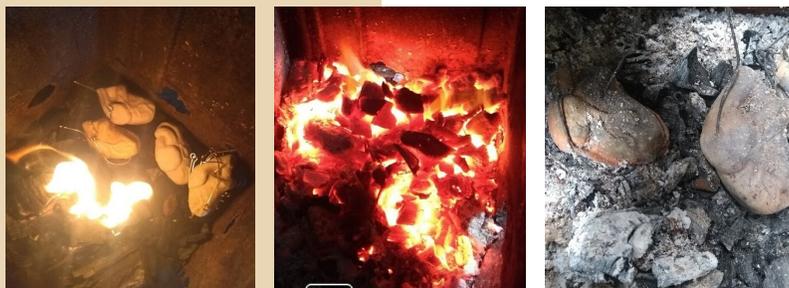


As vacas comem duas vezes

Para exemplificar, cito aqui a performance de Priscilla Davanzo “As vacas comem duas vezes a mesma comida, numa crítica a superficialidade humana, Davanzo tatuou todo seu corpo com manchas de vaca”(CANTON, 2009, p.36), usando a tatuagem como meio, pois a produção estava voltada para a performance e não o desenho na pele. Idem, a instalação Um homem de quatro paredes de Alexandre Estrela, apresentada na Pinacoteca de São Paulo em 2013 que apresenta “a projeção de uma imagem muito ampliada de uma tatuagem que aparece comumente aplicada nas mãos de presidiários em Portugal.” (PICCOLI, 2013, P. 5).



Um homem de quatro paredes



MaturaÇÃO

Escultura em
cerâmica
e hastes de inox
2018

Felipe e sua filha Pietra
expondo "Pequenos Mundos"
na IV mostra Curto Circuito do
IFSC

Durante a graduação fiz o possível para inserir a tatuagem em meus processos de produção artística, e de algumas disciplinas nasceram algumas produções como: Pequenos Mundos que é um registro de água utilizada para limpeza das biqueiras de tatuagem. Nessa produção pude contar com a participação de minha filha de 6 anos, onde a mesma nomeia os planetas e relata uma breve história sobre alguns deles. Também apresento meu processo de troca e experiências com meus suportes que quando chegam até meu estúdio de tatuagem chamo de clientes e com o passar do tempo nos identificamos como amigos, nascendo uma história muito valorosa e repleta de interação de ambas as partes. Desse movimento surge a ideia de produzir maturaÇÃO, que é uma série em cerâmica representando um coração que é transpassado pela haste da tatuagem. Eu tatuo na pele da pessoa e deixo uma marca que ela vai carregar pro resto da vida, e nesse mesmo momento meu suporte está me marcando e deixando sua identidade me transpassar. Os corações que medem por volta de 12 cm correspondem ao meu próprio coração sendo tocado, marcado, transpassado pelas hastes que uso nos meus clientes.



Meg menciona: *Estou tatuando há pouco mais de 8 meses e não me sinto confortável em explorar outros caminhos que tenham a tatuagem como foco principal*, muito embora ela idealiza um projeto no qual ela produziria um desenho e repetiria no maior número de pessoas possíveis, bem como a tatuagem na palma da mão dos presidiários em Portugal que se tornou marca de um grupo específico. Tendo a colagem como sua principal forma de produção, Meg indica uma intenção de trabalhar com outros materiais que a ajudem a compor um trabalho relacionado a tatuagem. Conversando com Larissa eu percebo que não é comum encontrarmos produções que trazem a tatuagem como foco principal mesmo fugindo das tradicionais que encontramos em espaços expositivos, talvez por nos faltar referências de outras produções e outros artistas que a imaginam. Larissa aponta a falta de produções inusitadas, que foge do suporte tradicional que é a pele, mas considera possível e necessário propor esse olhar para com a tatuagem.

Jhony Mendonça,

bacharel formado pelo curso de Artes Visuais da Unesc, sustenta a ideia da *necessidade em levar a tatuagem com olhares diferentes, para que o público possa ter noção de outras possibilidades relacionadas a essa prática*, e ressalta que *ter entrado para o curso foi imprescindível para que hoje ele estivesse trabalhando nessa área.*

Jhony entende a importância da graduação para elaborar um trabalho autoral e conceitual, ele apontou que estar atento às necessidades do cliente é muito importante para criar o desenho que dê conta de exteriorizar um sentimento, uma ideia, muitas vezes até mesmo uma história de vida. Penso na diferença de uma formação adequada para esse artista que trabalha com um suporte que tem sentimentos e vai carregar consigo a produção de um profissional que pesquisou e elaborou um projeto que vá de acordo com os anseios das pessoas que lhe procuram. De acordo com Salles (2014, p. 53): *O artista dialoga com a obra em criação. Ele, muitas vezes, em meio a turbulência do processo, vê-se produzindo para a própria obra. Momentos em que se percebe que está, por exemplo, “escrevendo para que o texto se torne verdadeiro”*(Shephard, 1987). *Nesses momentos, fica claro que a futura obra justifica o processo. Quando Elisa falou na roda de conversa que o preconceito maior está na tatuagem autoral, porque é muito mais difícil alguém bancar fazer uma tatuagem de um desenho teu, que sai da tua cabeça do que ela chegar e trazer algo da internet, eu percebo que tanto ela quanto o Jhony carregam verdades em suas falas e penso que dessa forma ter contato com arte, principalmente ter uma formação adequada, proporciona um olhar sensível para o próprio trabalho e uma produção que resiste às armadilhas que o artista pode encontrar em sua construção profissional. Também é fundamental salientar que “quando se fala em processo criativo como ato comunicativo, não se pensa nos limites da procura por um público consumidor, levando a fazer concessões”* (SALLES, 2014, p. 53), sendo assim algumas alterações em nossa produções podem ser requisitadas pelos nossos clientes, principalmente pelo fato de o artista nem sempre cumprir *“sozinho o ato da criação. O próprio processo carrega o futuro diálogo entre o artista e o receptor”*(SALLES, 2014, p.54).

Eduardo Pioner

que está tatuando a um ano, diz em uma conversa paralela que nunca parou para refletir sobre a produção artística fazendo uso dos resíduos da tatuagem em sua composição, mencionando um artista que usa a máquina de tatuagem para gravar imagens em madeira, mas fora isso, nunca teve a oportunidade de observar uma produção voltada para essa prática artística e assim compreendo as dificuldades encontradas para quem busca na tatuagem um caminho a ser percorrido, tentando fazer com que as pessoas a respeitem como ela realmente merece. Então, a docência que vem sendo desenvolvida nos meus últimos quatro anos dentro da universidade fala mais alto e penso que como para quase todos os problemas sociais, é na educação que podemos vislumbrar um cenário de esperança em uma construção de um olhar mais acertado voltado para a prática da tatuagem.

O questionamento que me acompanha durante boa parte da graduação e se intensifica durante meu trabalho de conclusão de curso é de como resolver questões que colocam a tatuagem como marginalizada e acabar com um estigma que a envolve em ambientes onde ela não é tão corriqueira. Percebo na fala de meus colegas tatuadores que o preconceito não vem deles, mas sim de pessoas que possuem ligações com eles e que costumam trazer falas preconceituosas de outros conhecidos. Os tatuadores que participaram da coleta de dados apontam também, uma reflexão voltada para a escola como o ambiente apropriado para tratarmos de uma questão delicada como essa e abordar a tatuagem como prática artística de maneira que as crianças e adolescentes possam entender e respeitar a tatuagem de maneira crítica e reflexiva, para além da estética visual. Pensando então nessas possibilidades de encontrarmos na escola um refúgio ou vislumbrar um horizonte livre de preconceitos em torno da tatuagem, convido meus colegas a falarem sobre a *Escola Básica* e a potência que pode ser trabalhar com crianças e adolescentes esse tema que nos envolve. Admito que fiquei assustado, ou quem sabe frustrado seja a palavra mais adequada, com as respostas que obtive ao perguntar se eles pensam ou já pensaram em desenvolver alguma ação com a tatuagem em uma sala de aula da Educação Básica.

Valentina é a primeira que exprime opinião sobre o assunto dizendo: Não consigo imaginar um meio possível para isso.

Marina menciona que É muito delicado levar qualquer assunto para a sala de aula, pois tu vais lá fala sobre a tatuagem, e as crianças vão gostar possivelmente. Eu estou fazendo estágio na Educação Infantil, e um dia desses fui com uma bermuda que mostrava minhas tatuagens e as crianças acharam legais, mas levar para elas é uma coisa, daí a criança leva pra casa e vai ser bem diferente, pelo menos no lugar onde eu moro os pais vão cortar, vão achar bem estranho. Entendo o receio delas, mas também percebo que devemos apostar na arte e nos esforçar para levar um conteúdo diferenciado aos nossos alunos. Leite (2008, p. 63) afirma que: [...] a arte nos leva para outros mundos, outras sensações, outros sentimentos. Ela mexe não só com nossa cognição, mas com nossos afetos e, por isso, nos afeta. Tudo o que vemos no cinema, ouvimos no rádio, contemplamos num quadro, assistimos numa dança, vemos numa paisagem, percebemos na arquitetura de uma cidade, etc. é acrescido ao nosso acervo de imagens, sons e movimentos. A tatuagem já está sendo mais mencionada do que já foi um dia, mesmo assim, falar um pouco mais vai minimizar sentimentos como o da Marina quando diz: Acho desconfortável falar sobre muitas coisas e a tatuagem é uma delas. E vai depender também da religião. A dificuldade que Marina apresenta em falar da tatuagem está diretamente ligada à sua associação com a marginalidade, entretanto, Saviani (2002, p. 13) aponta que: Marginalizado será o incompetente (no sentido técnico da palavra), isto é, o ineficiente e improdutivo. A educação estará contribuindo para superar o problema da marginalidade na medida em que formar indivíduos eficientes, isto é, aptos a dar a sua parcela de contribuição para o aumento da produtividade da sociedade.

Valentina diz que

Uma grande dificuldade em levar a tatuagem para o ensino básico, é que as crianças que tu vais estar ensinando, são de sua responsabilidade, e por mais que tu consigas trazer uma visão diferenciada da tatuagem para elas em sala de aula, quando um pai ficar sabendo que tu está trabalhando aquilo ali, tem gente que vai fazer tu engolir alguns sapos.

Eu lembro de algumas conversas durante eventos e programas institucionais, onde alguns professores fortalecem a ideia de que precisamos nos amparar em documentos legais e na legislação que rege nossa profissão de forma que possamos ter a segurança ao trabalhar temas que possam ser delicados, mas relevantes na formação do aluno. Mesmo assim, com possíveis contratempos alguns professores se envolvem e entram no desafio que seria falar de uma prática artística atraente aos alunos. Elisa conta que tem a lembrança de uma aula de Artes que a professora levou um slide apenas de tatuagem e isso a deixou com vontade de saber um pouco mais sobre o assunto, mas também não sabe como seria possível e isso me deixa incomodado, pois, saber que a professora chegou a pensar em algo, mas não conseguiu levar material suficiente para socializar com os alunos é um sinal de que essa prática artística ainda precisa ser trabalhada e ampliada para um número maior de pessoas. Já Larissa, que é a mais nova da turma e veio recentemente do Ensino Médio, menciona que nas suas aulas de Artes a professora apresentou a tatuagem como forma de arte e expressão e é uma forma maravilhosa de expressar arte em nós mesmos como o ato mais puro e vivo. Ela lembra que foi uma proposta diferente de uma linguagem que está ficando muito popular. Fusari (1992, p. 32) afirma a potencialidade de estar inteirado de distintas linguagens artísticas e ter o compromisso de apresentar esses conteúdos aos alunos: Nas aulas de arte, os professores enfatizam 'saber construir' reduzidos aos seus aspectos técnicos e ao uso de materiais diversificados (sucatas, por exemplo), e um 'saber exprimir-se' espontaneístico, na maioria dos casos caracterizando poucos compromissos com o conhecimento de linguagens artísticas. Avesso ao que Larissa fala, Eduardo relembra que abordar a tatuagem na escola de sua cidade de origem seria muito interessante pelo fato de ser uma cidade pequena onde muitas pessoas relacionam a tatuagem a criminalidade, e por isso muitos jovens têm receio de tatuarem-se e por conta disso não conseguem emprego. Penso então, como o olhar desses alunos pode ser instigado e transformado por um profissional que tem clareza de sua abordagem em sala de aula.

Os professores têm a possibilidade de trabalhar temas que são oriundos de nossa sociedade e desta forma tornam-se necessários de serem trazidos para a reflexão, quebrando desta forma com a crítica solta e desprovida de fundamentos. Penso que o professor de Artes pode e deve se aprofundar em assuntos que envolvam tanto o cotidiano da escola e de sua comunidade, mas também assuntos que permeiam a vida social e política da sociedade brasileira. Assuntos que estão nas mídias de formas unilaterais, apresentados ao grande público a partir da perspectiva das opiniões. Abrir espaço na sala de aula para assuntos considerados tabus na sociedade, de forma consciente e estruturada, faz parte do papel do professor que está implicado com a formação de um sujeito crítico e que se entende na sociedade na qual está inserido. Percebo na fala de meus colegas o que eu também vivi durante minha formação até o Ensino Médio, que foi uma ausência de uma conversa sobre a tatuagem se não fosse até mesmo tida como proibição por parte de algumas diretoras que eu tive contato. E entendo que muito dessa barreira era proveniente de um receio de possíveis infortúnios que viessem a ser causados após uma aula que abordasse a tatuagem, sendo que muitos pais não são abertos a algumas experiências que seus filhos têm na escola. Também devemos refletir de onde vêm essas falas de receio e preconceito, uma vez que nossos pais e professores viveram em décadas passadas, nas quais a tatuagem era tida ou realmente advinda de pessoas que tinham contato com qualquer tipo de marginalidade. Partindo de tudo que foi colocado até agora, podemos perceber a carência que a tatuagem enfrenta em relação a outras práticas artísticas tão potentes quanto ela. Pensar em propostas que tragam a tatuagem para cenários que possibilitam diálogos favoráveis a ela, é uma maneira de tornar a tatuagem cada vez mais aceita por um público que não faz uso dela e diminuir um olhar marginalizado sobre ela. Proponho um workshop para que possamos ampliar o número de profissionais que abordem a tatuagem por completo, adentrar mais em pesquisas e produções artísticas que empreguem-na.





PROJETO DE CURSO

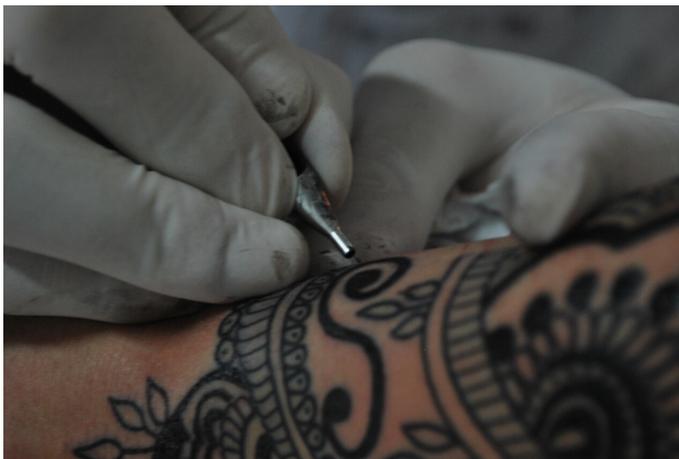
Título: A tatuagem como espaço e lugar de arte e formação.

Público alvo: Tatuadores e professores do ensino básico

Local e realização do evento: Universidade do Extremo Sul Catarinense

JUSTIFICATIVA

Essa proposta de curso surgiu durante o desenvolvimento da pesquisa **Tatuagem e Formação: o despertar sensível do professor do artista e do pesquisador**. Percebeu-se a fragilidade da tatuagem em ambientes que não são os rotineiros de sua produção, e dessa forma a necessidade de apresentar a prática como proposta de conteúdo em ambiente escolar, produções artísticas e também como pesquisa científica traz à tona um porvir brilhante e cheio de oportunidades. Ao questionar tatuadores que estão estudando ou passaram pelo Curso de Artes Visuais da UNESC, tanto em Bacharelado como em Licenciatura, foi perceptível a necessidade de um aprofundamento mais amplo nas pesquisas que envolvem a tatuagem como foco principal, encontrando caminhos para questionamentos peculiares advindos desse meio onde as pessoas buscam na tatuagem uma maneira de suprir necessidades contemporâneas. A fragilidade desse tema na escola também é algo que precisa ser trabalhado.



Percebo que o receio de alguns professores pode estar em trabalhar com um conteúdo que eles não dominam ou que não terá suporte necessário para desenvolver atividades que envolvam os alunos de maneira que o conhecimento agregado seja de valia para os alunos e uma experiência positiva para os professores. Não ter equipamento apropriado para apresentar aos alunos pode ser elemento crucial para que essa prática não seja levada para a sala de aula sendo que nem todos os professores terão contato com algum tatuador ou tatuadora. Para os tatuadores o processo todo é um momento de aprendizado e possibilidades, sucedendo que as trocas ocasionadas durante o processo de produção fazem parte de um momento fascinante e com toda singularidade que a arte oportuniza. Todavia, caminhar para uma produção que fuja do suporte tradicional da tatuagem que é a pele, pode ser uma outra maneira de dialogar com o público e outros artistas deste segmento. Produzir pensando nos resíduos da tatuagem é uma maneira de adentrar mais ainda nessa produção e paulatinamente entender sobre o que se está desenvolvido em relação a tatuagem.



OBJETIVO GERAL

Estabelecer diálogo entre tatuadores e professores, criando uma troca de informação e dialogar sobre propostas inusitadas relacionadas a tatuagem de forma que a pesquisa seja a base de suas indagações e produção de novos conhecimentos.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Entender que as produções tendo a tatuagem como base são mais que produtos estéticos

Buscar na pesquisa científica soluções e respostas para questionamentos da profissão

Entender a tatuagem como conteúdo para escola básica

Buscar a desmarginalização da tatuagem

Compreender a tatuagem e suas possibilidades dentro da pesquisa

Desenvolver o olhar sensível de quem está produzindo e dos alunos que terão contato com a tatuagem artística.

PROPOSTA DE CARGA HORÁRIA

Um encontro de oito horas

EMENTA

Desmarginalização da tatuagem. Tatuagem como prática artística. Tatuagem como conteúdo na escola básica. Pesquisa científica voltada para questões relacionadas a pele.

METODOLOGIA

A proposta será desenvolvida a partir de um workshop prático, onde serão convidados tatuadores e professores do ensino básico para uma socialização de conhecimentos acerca da tatuagem. O Workshop acontecerá na Unesc das 9h às 17h na UNESC. No início da manhã ficaremos focados em questões teóricas, levando aos presentes, temas pertinentes em ambientes de produção tatuagem, na escola, em espaços expositivos e sobre pesquisas que envolvam a tatuagem. A ideia de workshop, que “ também pode ser entendido como um grupo de discussão com uma proposta um pouco mais interativa”(MENEZES, 2019), é possibilitar além das trocas de informações sobre a prática da tatuagem, propor aos participantes que produzam algo durante o dia de aprendizado. No final da manhã os tatuadores serão convidados a montar seus equipamentos e apresentar algumas técnicas aos professores, utilizando material sintético que imita a pele humana. Após a conversa e atividade vamos nos reunir para o almoço. Retornando às 13h para a construção de uma produção artística em duplas, reunindo um professor e um tatuador em cada uma delas, para dessa maneira dialogarem as questões que os dois profissionais encontram em seus campos de atuação. Após uma ideia desenvolvida com uma pequena escrita descritiva, as duplas irão à biblioteca para uma pesquisa que lhes dê suporte teórico em suas produções retornando à sala do workshop para produzir. As produções serão apresentadas por cada uma das duplas para que conheçam as propostas dos colegas a fim de que consigam mediar para um público posteriormente. Faremos uma parada para café no final da tarde, oferecendo um momento de descontração para trocarmos contatos e definir sequência de uma exposição que vai passar pelas escolas dos professores participantes.



REFERÊNCIA

MENEZES, Natália Cerri. O que é Workshop e quais as etapas desse evento? 2019. Disponível em: <<https://www.moblee.com.br/blog/o-que-e-um-workshop/>>. Acesso em: 08 nov. 2019.

CICA TRIZ AÇÃO

Uns, com os olhos postos no passado,
Veem o que não veem; os outros, fitos
Os mesmos olhos no futuro, veem
O que não pode ver-se.
Porque tão longe ir
pôr o que está perto -
A segurança nossa? Este é o dia,

Esta é a hora, este é o momento, isto
É quem somos, e é tudo.
Perene flui a interminável hora
Que nos confunde nulos.
No mesmo hausto
Em que vivemos, morremos. Colhe
O dia, porque és ele.
Ricardo Reis (2005)



Este é o dia e aqui finalizo minha escrita que muitas vezes tentei prever ou talvez antecipar, outras tantas, recorri às memórias vividas durante um processo que considero maravilhoso. Entendo que colher o dia, é vivê-lo, e respirar e sentir-se parte do mundo. O que está posto agora é fruto de algo que se plantou um dia, e aqui chegamos na etapa da cicatrização, vista por muitos como a parte final de um processo, embora eu acredito que ele é apenas uma das etapas e não deve ser vista como algo que está expirando, dado que após a cicatrização é que a tatuagem fica realçada e ganha evidência.



Durante o processo da cicatrização pode até ser desanimador se pensarmos que ela cria casca, fica esbranquiçada, fosca, com as cores em tons diferentes do que será visto ao final desse processo. O que deve ser lembrado é que após a cicatrização surgem outras necessidades e possibilidades como por exemplo: podemos aumentar a tatuagem que foi feita, podemos fazer mais tatuagens que complementam essa finalizada, devemos manter os cuidados com a pele permanentemente devido aos raios ultravioleta, devemos passar hidratante para deixar a tatuagem mais intensa, e possíveis retoques são bem vindos de tempos em tempos. Para essa pesquisa tais cuidados serão similares, visto que ela não acaba nas últimas páginas, tampouco na minha graduação. A cicatrização é um processo para dar a sensação de dever cumprido, quiçá para que eu tenha a obtenção do título de licenciado em Artes Visuais, contudo tenho consciência de que após esse processo estarei apto para dar aulas e continuar um caminho que na verdade está apenas desenrolando na minha vida que é a docência. Penso que meu trabalho de conclusão de Curso deve ser revisitado por mim eventualmente para que eu perceba as possibilidades que se apresentam por meio dele e o que pode ser iniciado por ele dando complementação aos temas abordados.

A tatuagem me proporciona viver a arte, viver da arte, viver pela arte

As cores da tatuagem que devem permanecer vibrantes são equivalentes às palavras, às citações, às ideias aqui colocadas, uma vez que as semioses são distintas mas a possibilidade de leitura e simbolismo são análogas. Essa etapa está aqui para evidenciar que uma visão que eu tinha sobre minha formação está mais apurada e consigo assim fazer uma leitura de um ciclo que aparentemente se encerra mas reverbera possibilidades para outros momentos. Quando iniciei esta pesquisa não fazia ideia dos desdobramentos que a mesma poderia apresentar, e digo, sem medo de parecer presunçoso, que em nenhum momento me souo como um fardo, ou algo que me assustasse. Pelo contrário, meu maior medo é de me afastar da pesquisa em relação a tatuagem, e aproveitar esse momento de escrita e reflexões me fizeram pensar em como esse tema pode e deve ser explorado.

Ampliei meus conhecimentos em todos os aspectos, li, escrevi, conversei com muitas pessoas que me ajudaram a entender um pouco mais sobre a docência, sobre a pesquisa e sobre a arte. Chorei, sorri, gargalhei, suei frio, chorei novamente, e tive por muitas madrugadas a dentro a sensação de estar preparando um trabalho que possa ajudar outros pesquisadores e pesquisadoras a encontrar respostas para impasses que suas profissões possam trazer. Espero que essa pesquisa possa ajudar professores artistas, mas serei imensamente grato pelo trabalho desenvolvido se alcançar tatuadores que enfrentam a pesquisa como maneira de aprimorar e engrandecer essa profissão. Tenho um olhar apaixonado pela tatuagem. Ela é minha vida, e ela me proporciona viver a arte, viver da arte, viver pela arte.

REFERÊNCIAS

ALEXANDRE, Agripa Faria. Metodologia científica e da pesquisa. 2. Ed. UFSC, 2014. 162 p.

ANDRADE, Maria MArgarida de. Introdução à metodologia do trabalho científico. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2007. 160 p.

ARCHER, Michael. Arte contemporânea: uma história concisa. São Paulo: Martins, 2001.

ALVAREZ, Johnny; PASSOS, Eduardo. Cartografar é habitar um território existencial. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. 4. ed. Porto Alegre: Sulina, 2015. Cap. 7. p. 131-149.

APPOLINÁRIO, Fábio. Metodologia da ciência: filosofia e prática da pesquisa. e. ed. rev. e atual. São Paulo: Cengage Learning, 2012. 226 p.

BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. Teoria e prática da educação artística. São Paulo: Ed. Cultrix, 1990. 115 p.

BARROS, Laura Pozzana de; KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. 4. ed. Porto Alegre: Sulina, 2015. Cap. 3. p. 52-75.

BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas. Vol. 1. Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas simbólicas. São Paulo: Perspectiva. 361 p.

BRIGIDO, Sheila de Souza. O corpo humano apresentado e representado na arte:: reflexões sobre ser professor/artista em formação no curso de Artes Visuais. 2016. 87 f. TCC (Graduação) - Curso de Artes Visuais, Unesc, Criciúma, 2016. Cap. 1. Disponível em: <reflexões sobre ser professor/artista em formação no curso de Artes Visuais>. Acesso em: 15 out. 2019.

CANTON, Katia. Corpo, identidade e erotismo. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009. 69 p.

CAUQUELIN, Ane. Arte contemporânea /uma introdução. São Paulo: Martins, 2005

COSTA, Luciano Bedin da. Cartografia: uma outra forma de pesquisar. Revista Digital do Lav, Santa Maria, v. 7, n. 2, p.66-77, maio - agosto 2014. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/106583> > acesso em: 25 de agosto de 2019.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995-1997. 5 v. (Coleção trans)

ESTRELA, Alexandre. Um homem de quatro paredes. São Paulo: Ipsis, 2013. 44 p.

FERREIRA, Vitor Sérgio. Politics of the body, politics of life: tattoos and body piercing as a corporal expression of an ethics of dissidence. Etnográfica, Lisboa, v. 11, n. 2, p. 291-326, nov. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0873-65612007000200001&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 17 jul. 2018.

FUSARI, Maria Felisminda de Rezende e; FERRAZ, Maria Heloisa Corrêa de Toledo. Arte na educação escolar. São Paulo: Ed. Cortez, 1992-1993. 151 p.

.....Metodologia do ensino de arte: fundamentos e proposições. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2009. 205 p.

HONORATO, Aurélia Regina de Souza. TRAJETÓRIAS CARTOGRÁFICAS NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES E PROFESSORAS DE ARTES: ESPAÇOS DO POSSÍVEL. 2015. 133 f. Tese (Doutorado) - Curso de Artes Visuais, Unisul, Tubarão, 2015. Disponível em: <https://www.riuni.unisul.br/bitstream/handle/12345/477/110516_Aurelia.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 07 out. 2019.

LEITE, Maria Isabel. Espaços de narrativa: onde o eu e o outro marcam encontro. In: CRUZ, Silvia Helena Vieira. (org.) A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas. São Paulo: Cortez, 2008.

LÜDKE, M. et al. O professor, seu saber e sua pesquisa. Educação & Sociedade, vol. 22, n. 74, p. 77-96, 2005.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Fundamentos de metodologia científica. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003. 310 p. Disponível em: <https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/35773674/LAKATOS.pdf?response-content-disposition=inline%3B%20filename%3Dwww.atlasnet.com.br.pdf&X-Amz-Algorithm=AWS4-HMAC-SHA256&X-Amz-Credential=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A%2F20191006%2Fus-east-1%2Fs3%2Faws4_request&X-Amz-Date=20191006T010606Z&X-Amz-Expires=3600&X-Amz-SignedHeaders=host&X-Amz-Signature=46264acda35db2f10ee0ff529fb904f2eff9da83d4445a2d8b7326d1d75609ab>. Acesso em: 05 out. 2019.

MARTINS, Mirian Celeste Ferreira Dias; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, M. Terezinha Telles. Teoria e prática do ensino de arte: a língua do mundo: livro para análise do professor. 1. ed. São Paulo: FTD, 2010. 206 p.

MARTINS, Mirian Celeste. Expedições Instigantes. In: MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa. Mediação cultural para professores andarilhos na cultura. 2. ed. São Paulo: Intermeios, 2012. Cap. 1. p. 9-31.

MARTIS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa. Travessias para fluxos desejan­tes do professor-propositor. In: MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa. **Mediação Cultural para professores andarilhos na cultura**. 2. ed. São Paulo: Intermeios, 2012. Cap. 10. p. 123-132.

MENDES, Igor A. Assaf; COSTA, Bruno Lazzarotti D.. Considerações sobre o papel do Capital Cultural e acesso ao Ensino Superior: uma investigação com dados de Minas Gerais*. Educação em Revista, Belo Horizonte, p.71-96, 21 ago. 2019.

MENEZES, Natália Cerri. O que é Workshop e quais as etapas desse evento? 2019. Disponível em: <<https://www.moblee.com.br/blog/o-que-e-um-workshop/>>. Acesso em: 08 nov. 2019.

MOREIRA, Janine. A ciência da universidade e a estética, a poesia, a sapiência da vida: o lugar da pesquisa como criação. In: FRITZEN, Celdon; MOREIRA, Janine. Educação e arte: as linguagens artísticas na formação humana. Campinas: Papirus, 2008. Cap. 1. p. 11-26.

PESSOA, Fernando. Antologia poética. 2.ed. São Paulo: Duetto, 2001. 127 p.

..... Poesia completa de Alberto Caieiro. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. 262 p.

PILLOTTO, Sílvia Sell Duarte. As linguagens da Arte na Infância. In: ___ Linguagens da arte na infância. Joinville, SC: Ed. da UNIVILLE, 2007.

PIRES, Beatriz Ferreira. O corpo como suporte da arte: piercing, implante, escarificação, tatuagem. São Paulo: Senac, 2005. 181 p.

RAMOS, Célia Maria Antonacci. As nazi-tatuagens: inscrições ou injúrias no corpo humano? São Paulo: Perspectiva, 2006. 116 p.

SALLES, Cecília Almeida. Gesto inacabado: Processos de criação artística. 6. ed. São Paulo: Annablume, 2014. 185 p.

SAVIANI, Dermeval. Escola e democracia : teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre a educação política.- 35. ed. revista – Campinas, SP : Autores Associados, 2002.

SILVEIRA, Úrsula Rosa da; LORETO, Mari Lúcie da Silva. Elemento de estética: Obra de arte e o corpo em Merleau-Ponty. Pelotas: Educat, 1995. 115 p.





unesco

